

UNIVERSIDADE DE LISBOA



Máscaras Iluminadas como exercício de Autoconhecimento

Ana Catarina Antunes Tavira

Mestrado em Ensino de Artes Visuais

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada orientado pelos Professores
Doutora Odete Rodrigues Palaré e Doutor Fernando Manuel Baeta Quintas

2020

AGRADECIMENTOS

À professora orientadora, Doutora Odete Palaré, por todo o empenho e acompanhamento prestado, não só a esta orientação, mas também ao longo de todo o mestrado em ensino.

Ao professor orientador, Doutor Fernando Quintas, pelo seu tempo e precioso saber.

À professora cooperante, Conceição Carinhas, pela sua amizade e amabilidade em partilhar comigo a sua sala de aula e experiências profissionais vividas.

À Direção da Escola Secundária Manuel Cargaleiro, em particular à diretora, Maria de Lurdes Ribeiro, pela confiança e disponibilidade prestada.

A toda a comunidade escolar, da Escola Secundária Manuel Cargaleiro, pelo acolhimento que me proporcionou, em especial às professoras, Isabel Martins e América Silva pela simpatia e transmissão de conhecimentos, que tanto aprecio.

A todos os alunos da turma 12ºD, do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, pelo empenho e ânimo com que realizaram a Unidade Didática.

A minha gratidão a todos.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	iii
ÍNDICE DE FIGURAS	vii
ÍNDICE DE TABELAS	viii
ÍNDICE DE GRÁFICOS	ix
ÍNDICE DE ANEXOS	ix
RESUMO	x
ABSTRACT	xii
INTRODUÇÃO.....	1
Objetivos.....	1
Justificação do tema.....	2
Metodologia	3
Estrutura da tese.....	3
PARTE I.....	5
1. CARATERIZAÇÃO DO CONTEXTO ESCOLAR	5
1.1 Demografia	6
1.2 História da Escola	8
1.3 Patrono	9
1.4 Instalações.....	11
1.5 Oferta Educativa e Formativa	12
1.6 Projetos	12
1.7 População Escolar.....	14
2. DESENVOLVIMENTO, APRENDIZAGEM E A SOCIOLOGIA DOS JOVENS	
17	
2.1 Perfil do aluno do século XXI	17
2.2 Desenvolvimento pessoal, psicossocial e moral	21
2.3 Teorias de aprendizagem	24
2.4 Os jovens e as máscaras sociais	27
2.5 O método de introspeção de Wundt e o autoconhecimento.....	29
3. CONTEÚDOS.....	30
3.1 História das máscaras.....	30
3.2 Proporções faciais	33
3.3 Tecnologia e reciclagem dos materiais	35
3.4 Eletrotécnica	37

3.5 As cores e a sua simbologia.....	39
4. PROJETO PEDAGÓGICO.....	44
4.1 Caracterização da turma	44
4.2 Caracterização da sala de aula	45
4.3 Unidade Didática	46
4.4 Planificação.....	49
4.5 Relatório.....	50
5. ANÁLISE DE RESULTADOS	67
5.1 Critérios de avaliação.....	67
5.2 Instrumentos de avaliação.....	68
5.3 Resultados da turma.....	68
5.4 Avaliação do projeto	72
6. CONCLUSÃO	77
6.1 Resumo	77
6.2 Conclusões Finais	78
6.3 Futuros Desenvolvimentos	79
BIBLIOGRAFIA	80
ANEXOS.....	84

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Logótipo da Escola Secundária Manuel Cargaleiro	5
Figura 2- Freguesias do concelho do Seixal.....	6
Figura 3- Vista aérea do fogueteiro	8
Figura 4- Mapa com vista aérea da escola	9
Figura 5- Painel de azulejo de Manuel Cargaleiro na entrada da escola (Fonte Própria)	9
Figura 6- Entrada da escola (Fonte Própria).....	11
Figura 7- Pavilhão B das Artes (Fonte Própria)	11
Figura 8- Logótipo do grupo de voluntariado "Ajuda a Ajudar"	12
Figura 9- Logótipo do BREWISE	12
Figura 10- Logótipo do blogue de matemática.....	13
Figura 11- Logótipo da proposta "Conectando Mundos"	13
Figura 12- Logótipo da Rádio Televisão Escolar.....	13
Figura 13- Máscara Egípcia	31
Figura 14- Máscaras Africanas.....	31
Figura 15- Máscaras Portuguesas	31
Figura 16- Máscaras Gregas.....	31
Figura 17- Máscaras Japonesas	32
Figura 18- Máscaras Venezianas.....	32
Figura 19- Homem vitruviano de Leonardo Da Vinci	33
Figura 20- Proporções de padrão facial.....	34
Figura 21- Ferro Velho de Santa Marta do Pinhal	36
Figura 22- Cores do arco-íris.....	39
Figura 23- Sistema tridimensional de Munsell.....	40
Figura 24- Acordes de cores.....	42
Figura 25- Acordes de cores.....	42
Figura 26- Sala de Oficina de Artes da ESMC.....	46
Figura 27- Esboços a grafite dos alunos.....	51
Figura 28- Esboços a grafite dos alunos.....	51
Figura 29- Esboços a grafite dos alunos.....	52
Figura 30- Esboços a grafite dos alunos.....	52
Figura 31- Trabalhos em execução.....	53
Figura 32- Trabalhos em execução.....	53

Figura 33- Construção da estrutura da máscara	55
Figura 34- Grupo 2 a trabalhar na construção da estrutura das máscaras	55
Figura 35- Grupo 3 a trabalhar na construção da estrutura das máscaras	55
Figura 36- Grupo 1 a trabalhar na construção da estrutura das máscaras	55
Figura 37- Visita ao ferro velho	56
Figura 38- Visita ao ferro velho	56
Figura 39- Trabalho em execução	57
Figura 40- Trabalho em execução	57
Figura 41- Trabalho em execução	58
Figura 42- Trabalho em execução	58
Figura 43- Trabalho em execução	59
Figura 44- Trabalho em execução	59
Figura 45- Pormenor de decoração.....	60
Figura 46- Trabalhos em execução.....	60
Figura 47- Trabalhos em execução.....	61
Figura 48- Máscaras a serem pintadas.....	61
Figura 49- Máscara a ser pintada.....	62
Figura 50- Trabalhos em execução.....	62
Figura 51- Alunos a fazer flores	63
Figura 52- Trabalhos em execução.....	63
Figura 53- Trabalhos em execução.....	63
Figura 54- Máscaras concluídas	64
Figura 55- Trabalho em execução	64
Figura 56- Trabalho em execução	64
Figura 57- Trabalhos concluídos	66

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1- Registo da população das localidades da freguesia da Amora	7
Tabela 2- Número de alunos por tipo que frequentam a escola (Serviços Administrativos)	14
Tabela 3- Total de alunos por tipo em cada ano letivo (Serviços Administrativos).....	14
Tabela 4- Taxa global de sucesso escolar (MISI através da Direção da escola)	15

Tabela 5- Competências consoante as áreas de desenvolvimento.....	19
Tabela 6- Cor de comprimentos de onda.....	38
Tabela 7- Simbologia das cores.....	42
Tabela 8- Planificação da Unidade Didática	49
Tabela 9- Cronograma de aulas	50

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Habilitações escolares dos pais dos alunos	45
Gráfico 2- Classificação dos alunos no domínio de Apropriação e Reflexão	69
Gráfico 3- Classificação dos alunos no domínio de Interpretação e Comunicação	69
Gráfico 4- Classificação dos alunos no domínio de Experimentação e Criação	70
Gráfico 5- Respostas ao inquérito de avaliação da Unidade Didática.....	76

ÍNDICE DE ANEXOS

- A – Proposta de trabalho
- B – Apresentação da História das Máscaras
- C – Apresentação da Tecnologia dos Materiais
- D – Apresentação das Proporções Faciais
- E – Questionário de Introspeção
- F – Questionário Sociodemográfico
- G – Autorização visita de estudo
- H – Grelha de Observação de aulas
- I – Grelha de Avaliação

RESUMO

O presente relatório referente à Prática de Ensino Supervisionada, intitulado *Máscaras Iluminadas como exercício de Autoconhecimento*, foi realizado no âmbito da disciplina de Oficina de Artes com uma turma de 12.º ano, do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, na Escola Secundária Manuel Cargaleiro, localizada no Fogueteiro, freguesia da Amora, concelho do Seixal.

A temática desta Unidade Didática incidiu sobre o desenvolvimento de um projeto em que os alunos tiveram de construir uma máscara, a partir de materiais reciclados do ferro velho, que refletisse o seu “eu” interior, com o apoio de um exercício de autoconhecimento que serviu como rampa de ideias. Pretendeu-se, deste modo, promover nos alunos um desenvolvimento de conhecimento a nível pessoal e material, para que entendam e sejam capazes de construir narrativas e concretiza-las em áreas de produção artística.

Utilizou-se uma metodologia investigativa qualitativa, sendo a recolha de dados a observação direta em ambiente de sala de aula com recurso a grelhas de observação, notas de campo e fotografias do trabalho desenvolvido ao longo do projeto. A análise de dados é realizada através, da avaliação quantitativa dos trabalhos, do inquérito de introspeção e da memória descritiva realizada pelos alunos sobre os seus projetos, de modo a incidir os resultados deste estudo sobre os conhecimentos adquiridos antes e depois da Unidade Didática.

Para fundamentar este estudo, apresenta-se o *Perfil dos alunos para o século XXI*, que engloba princípios, visão, valores, competências e implicações práticas que devemos inculcar ao longo de toda a escolaridade obrigatória. São estudados o *Desenvolvimento pessoal, psicossocial e moral*, para melhor entendimento da fase de desenvolvimento dos participantes. São também referidas várias *Teorias de Aprendizagem* que refletem modelos de ensino/aprendizagem utilizados. Também se aborda *Os jovens e as máscaras sociais* que criam e usam como defesa ou revolta, por fim explica-se *O método de introspeção de Wundt e o autoconhecimento*, como ferramenta de reflexão e entendimento próprio.

Dos resultados obtidos, foi possível concluir que o sucesso escolar dos alunos participantes, através dos objetivos e metas alcançados, foi atingido com uma avaliação positiva na unidade de trabalho. Os resultados revelam que os alunos refletiram e desenvolveram o projeto de forma autónoma, sendo capazes de identificar e reconhecer diversos materiais e suas propriedades, analisando modos de formar um objeto artístico

e entendendo o processo criativo como espaço de cruzamento de diversas condicionantes físicas e conceptuais (Gonçalves & Alírio, 2005).

Palavras-chave: Oficina de Artes; Máscaras e Autoconhecimento; Reutilizar; Desenvolvimento Social; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

The present report on Supervised Teaching Practice, which is entitled *Illuminated Masks as a Self-Knowledge exercise*, carried out within the scope of the subject of Oficina de Artes with a class of the 12th grade, of the Scientific-Humanistic Course of Visual Arts, of the Manuel Cargaleiro High School, located in Fogueteiro in the district of Amora and in the municipality of Seixal.

The theme of this Didactic Unit focused on the development of a project in which the students had to build a mask, using recycled materials from a junk yard, which reflected their inner “self”, with the support of an exercise of self-knowledge that served as a ramp of ideas. In this way, it was intended to promote in students a development of knowledge at a personal and material level, so that they understand and are able to construct narratives and concretize them in areas of artistic production.

A qualitative investigative methodology was used, with data collection being direct observation in a classroom environment using observation grids, field notes and photographs of the work developed throughout the project. Data analysis is performed through the quantitative evaluation of the works, the introspection survey and the descriptive memory carried out by the students on their projects, in order to focus the results of this study on the knowledge acquired before and after the Didactic Unit.

To support this study, the *Profile of students for the 21st century* is presented, which encompasses principles, vision, values, competences and practical implications that we must instill throughout the entire compulsory education. *Personal, psychosocial and moral development*, are studied in order to better understand the participants' stage of development. Several *Learning Theories* are also mentioned that reflect teaching/learning models used. It also addresses *Young people and the social masks* that they create and use as a defense or revolt, finally explaining *Wundt's method of introspection and self-knowledge*, as a tool for reflection and self-understanding.

From the results obtained, it was possible to conclude the academic success of the participating students, through the objectives and goals achieved, having all acquired a positive evaluation in the work unit. The results reveal that the students reflected and developed the project based on this reflection in an autonomous way, being able to identify and recognize different materials and their properties, analyzing ways of forming an artistic object and understanding the creative process as a space for crossing various physical and conceptual conditions (Gonçalves & Alírio, 2005).

Keywords: Oficina de Artes; Masks and Self-knowledge; Recycle; Social development; Interdisciplinary.

INTRODUÇÃO

O presente documento refere-se ao relatório da Prática de Ensino Supervisionada do âmbito do Mestrado de Ensino de Artes Visuais de 3.º Ciclo e Ensino Secundário, a decorrer na Escola Secundária Manuel Cargaleiro do Fogueteiro, concelho do Seixal, com uma turma do 12.º ano de Artes Visuais na disciplina de Oficina de Artes.

O relatório organiza-se em duas partes, a primeira relativa ao enquadramento teórico, agrupa a caracterização do contexto escolar, as teorias do desenvolvimento que serviram como base de pesquisa para uma primeira abordagem na investigação e os conteúdos a lecionar. A segunda parte referente ao projeto pedagógico inclui uma caracterização da turma e da sala, planificação, relatório, análise de resultados e conclusões finais.

Objetivos

Este projeto tem como objetivo capacitar os alunos para o conhecimento dos diversificados materiais, adquirindo conhecimento de como os reutilizar e reciclar corretamente, reconhecendo propriedades físicas nos suportes e dos instrumentos, como fatores determinantes para a construção da obra plástica, de forma a prepará-los para o módulo seguinte e consolidar o anterior.

Através do exercício de introspeção/autoconhecimento, como resposta a outro tema do módulo 1 - Técnicas de expressão e representação (Gonçalves & Alírio, 2005) - pretende-se que o aluno entenda o processo criativo como local de cruzamento entre condicionantes físicas e conceptuais com o objetivo de desenvolver capacidades de análise no modo de criar o objeto artístico.

Para além do trabalho desenvolvido em sala de aula existem três momentos determinantes que farão parte deste projeto:

- Através da aula do professor convidado de eletrotécnica, os alunos terão a oportunidade de conhecer melhor como funciona o processo de criação de energia elétrica, nomeadamente a produção, o processamento, o transporte, a distribuição e o armazenamento.

- Uma visita de estudo ao ferro velho local que garantirá um contato com materiais diversificados, possíveis de integrar num objeto criativo.

- E ainda, a realização de um exercício de uma memória descritiva, onde os alunos terão a possibilidade de refletir e de sintetizar sobre a natureza das suas obras, bem como sobre o significado das mesmas, de forma a facilitar a exposição oral na turma.

Justificação do tema

A prática de ensino supervisionada incidiu numa turma de 12.º ano na disciplina de Oficina de Artes, na qual se observou graves problemas sociais, tendo sido observado algumas dificuldades relativamente ao autoconhecimento individual. Posto isto, pareceu-nos oportuno trabalhar um tema em que os alunos pudessem realizar um exercício de introspeção, através de um questionário inicial, partindo daí para a construção de uma máscara que refletisse ou que escondesse o seu interior.

Pelo facto da escola estar situada próximo de um bairro social, a capacidade financeira dos alunos e da escola é limitada, por esse motivo optou-se por introduzir no projeto uma solução económica e ecológica, para a construção das máscaras, como a utilização de materiais reciclados.

Em diálogo com os alunos, concluímos que os materiais que eles estariam mais interessados em trabalhar eram muito variados, nomeadamente madeira, metal, papel, cerâmica, plástico, entre outros, mas acabamos por tomar a decisão de contatar com uma empresa de recolha de sucata para a realização de uma visita de estudo, colocando a possibilidade de recolha de materiais gratuitamente.

Outro pedido dos alunos recaiu sobre a introdução de elementos de eletrotécnica nos seus projetos, o qual foi prontamente concedido e com o apoio de um professor convidado, pertencente ao ensino profissional de eletrotécnica da presente escola.

Este tema de investigação engloba as origens e composição dos materiais; as características, dimensões e funções dos suportes, bem como as características e funções dos instrumentos. Este tema também tem competências no âmbito das técnicas de expressão e representação, do desenvolvimento e entendimento do processo criativo, pois, devido à natureza do projeto, é essencial que entender as inter-relações e metodologias do processo criativo, o que os leva de uma folha em branco a um rascunho, a uma ideia e respetiva construção.

Metodologia

Durante a Iniciação à Prática Pedagógica III, realizou-se a investigação na disciplina de Oficina de Artes, na Escola Secundária Manuel Cargaleiro do Fogueteiro, numa turma de 16 alunos do 12.º ano, composta por 5 alunos do género masculino e 11 alunas do género feminino.

A partir da aula do professor convidado os alunos têm a oportunidade de entender a produção, o processamento, o transporte, a distribuição e o armazenamento de energia elétrica. A visita de estudo garante a possibilidade de modulação e manuseamento de materiais não usuais na sala de aula. Através da memória descritiva, os alunos refletem e sintetizam sobre a natureza das suas obras e seu significado, desta forma a facilitar a exposição oral na turma.

Este estudo foi traçado a partir da prática de ensino supervisionada e de conhecimento científico, visando como exemplo as teorias apresentadas na bibliografia. A essência da metodologia investigativa é qualitativa, tendo como fonte de dados o ambiente da sala de aula – investigação-ação. A informação é transmitida através da observação, com recurso a grelhas, notas de campo e fotografias do trabalho desenvolvido pelos alunos ao longo do projeto.

A recolha e análise de dados é a observação direta em sala de aula, os trabalhos realizados pelos alunos com a respetiva avaliação quantitativa, um inquérito realizado antes do projeto com perguntas de introspeção e a memória descritiva realizada pelos alunos sobre os seus projetos.

Os resultados desta investigação incidirão sobre os conhecimentos adquiridos antes e depois da unidade de trabalho, tal como, as próprias noções sociais pré-existent e observadas através do seu desenvolvimento.

Estrutura da tese

O relatório da Prática de Ensino Supervisionada organiza-se em duas partes compostas por seis capítulos. A primeira parte aborda a caracterização do contexto escolar, as teorias que fundamentam a investigação e os conteúdos, na segunda parte referencia-se a fase de implementação da Unidade Didática, analisam-se os resultados obtidos e apresentam-se as conclusões.

O primeiro capítulo é uma caracterização do contexto escolar onde a Unidade Didática foi implementada, ao nível da demografia, história da escola envolvida, patrono, instalações, oferta educativa, projetos e a população escolar.

O segundo capítulo caracteriza o desenvolvimento pessoal, psicossocial e moral, tal como as teorias de aprendizagem. Menciona também o perfil do aluno do século XXI para a criação das planificações e critérios de avaliação. Descreve a sociologia dos jovens através de máscaras sociais e do autoconhecimento.

O terceiro capítulo contém todos os conteúdos teóricos abordados durante a Unidade Didática, inicia-se com uma contextualização histórica das máscaras como obras de arte culturais, sendo necessário nesta unidade de trabalho a noção de proporções faciais apesar de não estar presente no programa de Oficina de Artes, ao contrário da tecnologia e reciclagem dos materiais e simbologia das cores, também apresentada neste capítulo, por fim um vislumbre sobre a eletrotécnica que faz parte do programa curricular de Técnico de Eletrónica Automação e Computadores da escola e que por interesse dos alunos insere-se nesta unidade de trabalho.

O quarto capítulo pertencente à Parte II do relatório, apresenta o projeto pedagógico através da caracterização da turma e da sala de aula onde foi implementado e expõe uma explicação e justificação da Unidade Didática, tal como a planificação e relatórios de aula lecionadas.

O quinto capítulo analisa e avalia, através de critérios e instrumentos de avaliação, os resultados da turma durante a implementação da unidade de trabalho e a avaliação dos alunos em relação ao projeto e à professora estagiária.

Finalmente, no sexto capítulo a partir do resumo geral do relatório, da análise de resultados e de acordo com os objetivos iniciais, apresentam-se conclusões finais e propõem-se futuros desenvolvimentos.

PARTE I

1. CARATERIZAÇÃO DO CONTEXTO ESCOLAR

A Escola Secundária Manuel Cargaleiro tem como lema Cidadania global: comunicar é estar no mundo com o mundo, e como missão formar cidadãos com uma sólida formação pessoal, social, cultural, ética e científica e que desenvolvam as competências necessárias para a sua realização pessoal e profissional, com autonomia e espírito crítico, visando a integração num mundo globalizado e em constante mudança (Cargaleiro E. S., 2014). O logótipo baseia-se no trabalho do seu patrono o Manuel Cargaleiro tal como as cores que a escola utiliza (Figura 1).



Figura 1- Logótipo da
Escola Secundária
Manuel Cargaleiro

A urbanização onde a escola se localiza foi desenvolvida nos anos 70-80, mais tarde no seu centro desenvolveu-se um bairro social problemático, entre a Escola Secundária e a Escola Primária (Cargaleiro E. S., 2014).

1.1 Demografia

A escola situa-se no Fogueteiro, na freguesia da Amora, que é uma das seis freguesias do concelho do Seixal, distrito de Setúbal. Com 27,31 quilómetros quadrados de área e uma população de 48 629 habitantes, a Amora integra-se na Área Metropolitana de Lisboa, na Margem Sul do Estuário do Tejo (Cargaleiro E. S., 2014).

A Freguesia da Amora desfruta de uma localização geográfica privilegiada, é banhada por dois braços do rio Tejo, um chamado Mar da Palha que termina a Nordeste em Corroios (Sapal de Corroios), outro localizado a Sul, mais conhecido como a Baía do Seixal, mas que tem por nome oficial o Rio Judeu (Figura 2), que termina a norte da ponte da Fraternidade, separando a Torre da Marinha da Amora (Câmara Municipal do Seixal, 2001).

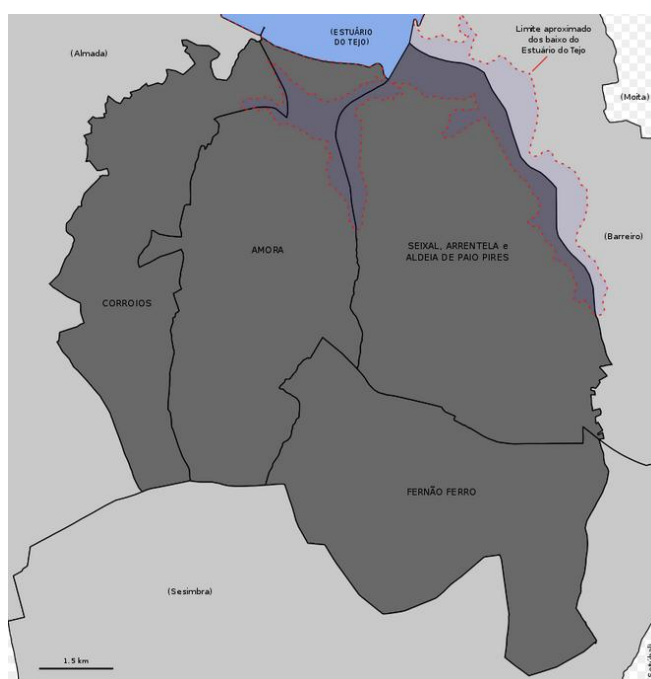


Figura 2- Freguesias do concelho do Seixal

Devido às suas localizações todas as freguesias do Seixal têm passados semelhantes, os moradores eram homens do mar, carreiros, mateiros, moleiros e lavadeiras. Mais tarde com a construção de fábricas por todo o concelho, como a fábrica da pólvora, da cortiça e da siderurgia nacional deu-se um crescimento populacional de emigrantes vindos do Alentejo à procura de trabalho (Câmara Municipal do Seixal, 2001).

Após o 25 de Abril a população residente aumentou exponencialmente, elevando a Freguesia da Amora a Vila no dia 30 de junho de 1989 e a Cidade em 20 de maio de

1993, este aumento deve-se à chegada de muitos retornados à capital e refugiados das ex-colónias. Estes instalaram-se maioritariamente em bairros sociais, Paivas, Cruz de Pau, Atalaia, Fogueteiro e Quinta da Princesa. Existem várias etnias, evidenciando-se: brasileiros, guineenses, angolanos, ciganos, chineses, indianos, cabo-verdianos e moçambicanos de origem indiana, para além de eslavos do leste europeu.

Desde 2001 até 2011 existiu uma ligeira redução de população (Tabela 1), causada pelos prédios degradados que existem desde o século XX e que nunca foram reconstruídos. Já nos últimos 10 anos a Câmara Municipal do Seixal tem incentivado, através de projetos de requalificação, a reconstrução e melhoria de casas do concelho, tal como estradas e parques, para garantir um aumento na população e o progresso do mercado local.

Tabela 1- Registo da população das localidades da freguesia da Amora

Localidades da freguesia da Amora	Tipo de Urbanização	2001 (população)	2011 (população)
Amora	Centro	9 868	8 880
Belverde	Moradias de luxo	Sem registo	2 850
Cruz de Pau	Urbanização dos anos 50-70	13 925	12 748
Fogueteiro	Urbanização dos anos 70-80, onde se localiza o Bairro da Jamaica	6 987	6 002
Foros da Amora	Urbanização dos anos 70-80	4 290	5 150
Paivas	Urbanização dos anos 80-2000	12 124	10 831
Quinta da Princesa	Bairro social	Sem registo	Sem registo

O Fogueteiro faz fronteira a Nascente com o Seixal e Arrentela, a Poente com a Freguesia de Corroios e a Sul com o Concelho de Sesimbra. Encontra-se entre a Autoestrada do Sul e a Estrada Nacional N.º 10, o Fogueteiro usufruí de uma estação ferroviária, facilitando assim os acessos a Lisboa ou a Setúbal.

Esta localidade é essencialmente uma área habitacional, com a exceção do Centro Comercial Rio Sul Shopping localizado ao lado da Estação do Fogueteiro, nos limites da Torre da Marinha.

A primeira rua, e por isso a mais antiga do Fogueteiro, chama-se hoje Rua General Humberto Delgado (Figura 3), a antiga Rua do Grémio, que passa pelo muito aclamado bairro da Jamaica, constituído apenas por terreno baldio e três prédios em tijolo, próximos a oeste da Escola Secundária Manuel Cargaleiro e a este da Escola Primária do Fogueteiro.



Figura 3- Vista aérea do fogueteiro

1.2 História da Escola

Criada em 1984, a Escola Secundária Manuel Cargaleiro iniciou as suas atividades no dia 25 de novembro de 1985, com o nome de Escola Secundária do Fogueteiro (Figura 4). Começou com turmas do Curso Unificado, mas em 1987 abriu para os cursos complementares, só no ano letivo 1989/90 foram criados o 12.º ano e os Cursos Noturnos, que, entretanto, deixaram de existir. No ano letivo de 1994/95 começou a ser construído o pavilhão gimnodesportivo (Cargaleiro E. S., 2014).

Na comemoração do 9.º aniversário, a 25 de novembro de 1994, a Escola passou a chamar-se Escola Secundária Manuel Cargaleiro em homenagem ao artista plástico (Figura 5).

Atualmente a escola tem em funcionamento o 3.º ciclo de Ensino Básico, o Ensino Secundário com os Cursos Científico-Humanístico e o Ensino Profissionalizante (Cargaleiro E. S., 2014).



Figura 4- Mapa com vista aérea da escola

1.3 Patrono

Manuel Alves Cargaleiro, pintor e ceramista, nasceu a 16 de março de 1927 em Chão de Servas no concelho de Vila Velha de Ródão, distrito de Castelo Branco, berço de várias gerações que sempre viveram da agricultura (Fundação Cargaleiro Castelo Branco). Aos dois anos de idade de Cargaleiro o pai vende as suas terras e vêm instalar-se no Monte da Caparica, para se ocupar da Quinta da Silveira de Baixo, é um pioneiro das técnicas modernas, até se torna conselheiro do distrito para a diversificação das culturas nas unidades agrícolas (Fundação Cargaleiro Castelo Branco).



Figura 5- Painel de azulejo de Manuel Cargaleiro na entrada da escola (Fonte Própria)

A sua mãe, Ermelinda Cargaleiro a partir de 1925, realiza com talento, mantas de retalhos coloridas com várias formas geométricas (*patchworks*), que mais tarde são expostos em museus portugueses e franceses (Fundação Cargaleiro Castelo Branco).

É no Monte da Caparica perto das plantas, flores e mar que nasce o gosto pelas cores de Manuel Cargaleiro, começa a desenhar com seis ou sete anos de idade, estes acompanhados de curtos poemas. Mais tarde cria pequenos objetos de argila e coze no forno a lenha da casa antes de os pintar.

Passou alguns dos seus anos de juventude no Fogueteiro, numa rua próxima da escola, onde teve o seu primeiro *atelier*.

Em 1957 fixa residência em Paris onde continua a residir e a trabalhar.

Comecei a minha vida de artista como ceramista e sou ceramista mesmo quando faço pintura a óleo. Não consigo imaginar uma coisa sem a outra. As minhas duas práticas, claro que se influenciam mutuamente. Não posso esquecer todos os meus conhecimentos sobre a história da faiança ou sobre a decoração mural quando pinto, assim como não esqueço a minha cultura pictórica quando crio em cerâmica. Está tudo muito ligado, e é isso que constitui a minha especificidade. Eu não copio os meus quadros nos azulejos: pinto diretamente sobre a faiança, sem desenho prévio, como numa tela. (Manuel Cargaleiro, catálogo Gilbert Lascault, 2003)

1.4 Instalações

A escola é grande tem boas condições e está bem preparada, contém um campo de jogos e oito pavilhões, incluindo o gimnadesportivo e o refeitório, os outros são denominados de A a F (Figura 4). O pavilhão D é o principal com a biblioteca, o auditório, a secretaria, o PBX, a sala de rádio, a sala da direção e a sala de professores. O pavilhão C tem a papelaria, a reprografia, o bar dos alunos e algumas salas de aula normais. O pavilhão B é dedicado às artes (Figura 7) com 10 salas preparadas para esse efeito. E o pavilhão A tem apenas salas normais e algumas de computadores, enquanto os pavilhões E e F têm salas e laboratórios de ciências.



Figura 6- Entrada da escola (Fonte Própria)



Figura 7- Pavilhão B das Artes (Fonte Própria)

1.5 Oferta Educativa e Formativa

A escola oferece o 3.º ciclo do Ensino Básico, 7.º, 8.º e 9.º anos, e ainda o Ensino Secundário regular dos Cursos Científico-Humanísticos, do 10.º ao 12.º anos, com Ciências e Tecnologias, Artes Visuais, Ciências Sócio Económicas e Línguas e Humanidades, e o Ensino Profissional do 10.º ao 12.º ano, com Técnico de Multimédia, Técnico de Eletrónica Automação e Computadores, Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos e Técnico Comercial (Cargaleiro E. S., 2014).

Existe também na escola dois tipos de recursos de apoio: os recursos psico-educativos que servem como serviço de psicologia e orientação em contexto escolar ou o gabinete de intervenção social; e os recursos socioeducativos que engloba a saúde escolar, o gabinete de apoio ao aluno e à família e a sala de estudo “LABLING”.

1.6 Projetos

A escola disponibiliza uma série de projetos e clubes que promovem, desde o desenvolvimento do interesse social e comunitário, à prática desportiva, tais como:

- Grupo de Voluntariado “Ajuda a Ajudar” (Figura 8), que tem como missão desenvolver ações de interesse social e comunitário, guiadas pelos princípios da solidariedade, cooperação, participação e responsabilidade.



Figura 8- Logotipo do grupo de voluntariado "Ajuda a Ajudar"

- Programa Europeu Erasmus +, como projeto de parceria multilateral da União Europeia, que envolve países como Portugal, Alemanha, Itália, Noruega e Polónia.

- BREWISE (Healthier Breakfast, Wiser Minds) (Figura 9), integra o programa do Erasmus + e promove a alimentação saudável especialmente ao pequeno-almoço.



Figura 9- Logotipo do BREWISE

- A Escola de Verão como um projeto de ocupação dos tempos livres para os alunos durante a interrupção letiva de verão.

- O Blogue “MATHCargaleiro” (Figura 10) que pretende divulgar atividades e proporcionar a partilha de conhecimentos, motivar os alunos na aprendizagem, na construção do conhecimento, no desenvolvimento de capacidades a nível do raciocínio, da criatividade e no uso das tecnologias.



Figura 10- Logotipo do blogue de matemática

- O Desporto Escolar como resultado de um projeto de melhoramento do pavilhão gimnodesportivo que foi criado para poder abraçar o maior número de desportos, proporcionando assim a todos os alunos acesso à prática de atividade desportiva.

- Na proposta educativa Conectando Mundos (Figura 11) participaram estudantes de escolas de vários países do mundo através de uma plataforma digital, propiciando o desenvolvimento de um trabalho colaborativo entre alunos, sobre a temática associada à Educação para a Cidadania Global.



Figura 11- Logotipo da proposta "Conectando Mundos"

- O Clube de Jornalismo tem como principal objetivo a publicação de um jornal “A Outra Margem” e é constituído por professores e alunos.

- RTE (Rádio Televisão Escolar) (Figura 12) é um espaço destinado à programação de atividades de produção e emissão de rádio e/ou vídeo entrevistas.



Figura 12- Logotipo da Rádio Televisão Escolar

1.7 População Escolar

Alunos

Na Tabela 2 observa-se um total de 1014 alunos inscritos na escola, dos quais 536 são do género masculino e 478 são género feminino. Do 3.º ciclo do Ensino básico são um total de 295 alunos, no Ensino Secundário Regular são 591 e no Ensino Profissional são 128 alunos, com um total de 81 repetentes e nenhum aluno com apoio (Cargaleiro E. S., 2018).

Tabela 2- Número de alunos por tipo que frequentam a escola (Serviços Administrativos)

Nível	Masculino	Feminino	Total	Apoios	Repetentes
3.º Ciclo do Ensino Básico	157	138	295	0	10
Ensino Secundário	282	309	591	0	69
Ensino Profissional	97	31	128	0	2

A escola funciona com 12 turmas do 3.º ciclo, 22 turmas do Ensino secundário Regular e com 11 turmas do Ensino Profissional. Em relação a dois anos letivos atrás, existe um decréscimo na quantidade de alunos que frequentam a escola, mas um aumento significativo relativo ao ano letivo 2017/18, como demonstra a Tabela 3.

Tabela 3- Total de alunos por tipo em cada ano letivo (Serviços Administrativos)

Ano letivo	Total Alunos Masculino	Total Alunos Feminino	Total Alunos	Total Alunos Básico	Total Alunos Secundário	Total Alunos Profissional
2016/2017	574	454	1028	269	626	136
2017/2018	521	474	995	292	578	127
2018/2019	536	478	1014	295	595	128

Relativamente à Ação Social Escolar, verifica-se que 78% dos alunos não beneficiam de auxílios económicos e que 93% possuem computador e internet em casa. Nesta escola 14% dos alunos são de outras nacionalidades (Cargaleiro E. S., 2018).

Os dados indicam que, no ensino básico, 10% dos pais e encarregados de educação têm formação de nível superior e 34% de secundário ou superior, sendo que ao nível do ensino secundário as percentagens são de 15% e 45%, respetivamente.

Quanto à ocupação profissional, 12,7% no ensino básico e 16,4% no ensino secundário exercem atividades de nível superior e intermédio (Cargaleiro E. S., 2018).

Relativamente ao Ensino Básico, a taxa de sucesso escolar aumentou ao longo dos quatro anos, verificando-se o maior incremento (7,74%) no segundo ano. No último ano letivo, apenas o 9.º ano de escolaridade apresentou uma subida na taxa de sucesso, tendo-se registado valores acima de 92%, nos restantes anos (Tabela 4).

Tabela 4- Taxa global de sucesso escolar (MISI através da Direção da escola)

Ensino / modalidade		Ano letivo 2011/12	Ano letivo 2012/13	Ano letivo 2013/14	Ano letivo 2014/15	Ano letivo 2015/16	Ano letivo 2016/17	Ano letivo 2017/18	
Básico	3.º Ciclo								
	7º Ano	91,18%	88%	89,87%	98,67%	98,75%	97,65%	92,13%	
	8º Ano	90,43%	84,90%	89,02%	100%	91,14%	100%	96,97%	
	9º Ano	87,64%	82,70%	93,33%	92,77%	100%	94,87%	95,96%	
	Subtotal	89,64%	85%	90,68%	97,03%	96,86%	97,69%	95,12%	
Secundário	Regular CH	10º Ano	82,44%	84,40%	83,96%	84,21%	91,16%	87,04%	81,38%
		11º Ano	88,37%	80,30%	89%	88,51%	89,47%	86,29%	91,40%
		12º Ano	60,31%	59,40%	55,05%	70,17%	63,41%	50,27%	45,93%
		Subtotal	77,52%	74,80%	75,90%	81,03%	82,06%	75%	73,63%
	Profissional	1º Ano	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
		2º Ano	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
		3º Ano	42,55%	23,80%	24%	68,42%	51,72%	67,50%	75%
		Subtotal	78,91%	72,20%	81,73%	89,57%	87,39%	90,23%	92,48%

No que diz respeito ao Ensino Secundário, também se registou uma melhoria da taxa de sucesso escolar nos três primeiros anos. No último ano, verificou-se um decréscimo na taxa de sucesso escolar no Ensino Regular, e um acréscimo de 7,5% no Ensino Profissional no 12.º ano, comparativamente ao ano letivo anterior (Tabela 4).

Pessoal docente e não docente

Exercem funções na organização educativa, um total de 121 professores, em que 106 pertencem aos quadros, apenas 12% não pertencem. Existem 109 docentes na escola que lecionam há 10 ou mais anos, ou seja 90% da população docente escolar leciona há pelo menos 10 anos. Em relação ao grupo 600 (Artes Visuais) no ano letivo 2019/2020 estão colocados 9 professores, 6 do sexo feminino e 3 do sexo masculino (Cargaleiro E. S., 2018).

O pessoal não docente divide-se entre 32 operacionais e 12 assistentes técnicos totalizando 44 elementos, em que 84% destes tem 10 ou mais anos de serviço. Entre todo o pessoal docente e não docente, são maioritariamente do sexo feminino (Cargaleiro E. S., 2018).

2. DESENVOLVIMENTO, APRENDIZAGEM E A SOCIOLOGIA DOS JOVENS

O presente capítulo tem como objetivo a análise do desenvolvimento, da aprendizagem e da sociologia dos jovens, tendo como base, o perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória, focado nos princípios da visão, valores, competências-chave e suas implicações práticas, para que exista um desenvolvimento das aprendizagens através da ação educativa.

Considerando a zona demográfica da escola onde decorreu este estudo, e as idades dos alunos que participaram na Unidade Didática, interessa mencionar o desenvolvimento pessoal, psicossocial e moral, através de Sigmund Freud e da sua teoria da personalidade, passando por Erik Erikson, que baseado em Freud, cria os oito estádios de desenvolvimento psicossocial, por último o desenvolvimento moral com duas teorias, uma de Piaget no desenvolvimento infantil e adolescente e outra de Kohlberg que se foca nos adolescentes e adultos.

Seguidamente, abordam-se algumas teorias de aprendizagem, como as comportamentalistas, cognitivistas e humanísticas que tentam explicar como indivíduos aprendem, como funciona o seu desenvolvimento mental e qual a estrutura do seu modelo de conhecimento.

Posteriormente, serão mencionados os jovens e as máscaras sociais que criaram, objetivos e consequências na interação social.

Por último estuda-se o método de introspeção de Wundt e a sua relação com o autoconhecimento.

2.1 Perfil do aluno do século XXI

Segundo o perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória (Martins, et al., 2017), este século tem sido marcado pela incerteza e tem colocado desafios aos sistemas educativos, com os avanços científicos e tecnológicos a quantidade de informação cresce todos os dias, convocam a debates sobre identidade e segurança.

Nos últimos 30 anos, desde a Lei de Bases do Sistema Educativo Português, tem existido algumas “alterações individualizadas e desiguais” aos planos de estudo e programas das disciplinas. As medidas foram tomadas com um duplo objetivo, “alargar o número de anos da escolaridade obrigatória, assegurando equidade no acesso à escola

de todas as crianças e jovens em idade escolar” e “garantir uma educação de qualidade, assegurando as melhores oportunidades educativas para todos” (Sá, 2019).

Uma escolaridade obrigatória alargada em 12 anos, implica percursos educativos diferenciados, por isso a construção de um perfil de aluno à saída da escolaridade obrigatória, de modo a criar um quadro de referência educativo onde explica princípios, visão, valores, competências e aprendizagens dos alunos ao longo da escolaridade, servindo de orientação a todas as decisões essenciais ao processo educativo, convocando esforços e convergência na sociedade para desenvolver e assegurar acesso a uma educação de qualidade e inclusiva para todos (Martins, et al., 2017).

Segundo (Sá, 2019), os princípios contidos no perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória, são extremamente importantes para a adaptação à sociedade do século XXI e organizam-se nas seguintes diretrizes:

- Desenvolvimento de uma sociedade justa, inclusiva e democrática, por isso sustentável (Contribuir para o desenvolvimento sustentável/Incluir como requisito de educação)

- Distinção de um saber globalizante e motivador de soluções para dilemas sociais (Um perfil de base humanista/Valorizar o saber)

- Preservação de uma perspetiva transversal do método de ensino e aprendizagem concentrada na apropriação de competências e no conhecimento por toda a vida para a adaptação constante de uma sociedade em transformação (Garantir a estabilidade/Educar ensinando para consecução efetiva das aprendizagens/Educar ensinando com coerência e flexibilidade)

A aprendizagem de um jovem à saída da escolaridade obrigatória visa desígnios que se completam e reforçam, onde se pretende que seja um cidadão capaz individualmente, apto a analisar, pensar crítica e autonomamente, munido de literacia cultural, científica e tecnológica que lhe possibilite tomar decisões fundamentais (Sá, 2019). Pretende-se que seja um cidadão que reconheça a importância do trabalho colaborativo e da sustentabilidade social, cultural, económica e ambiental, desta forma valorize o respeito pela dignidade humana, pela cidadania plena, pela diversidade cultural, pela solidariedade para com todos e rejeite todas as formas de discriminação e exclusão (Sá, 2019).

As crianças e os jovens segundo o Perfil do aluno para o século XXI (Martins, et al., 2017), devem ser encorajados a se exprimir através de atitudes, condutas e

comportamentos nas atividades de aprendizagem. Esses valores como a responsabilidade, integridade, excelência, exigência, curiosidade, reflexão, inovação, cidadania, participação e liberdade, devem regular a cultura de escola e facilitar aos alunos possibilidades, que lhes permita desenvolver competências para tomarem decisões com base em critérios éticos.

As competências anteriormente mencionadas são uma combinação de conhecimentos, capacidades e atitudes que o aluno deve desenvolver ao longo da vida escolar e em diferentes áreas de desenvolvimento como a Tabela 5 indica.

Tabela 5 - Competências consoante as áreas de desenvolvimento

Áreas de desenvolvimento	Competências
Linguagens e textos	Utilizar as diferentes linguagens simbólicas que permitam exprimir e interpretar conhecimento em distintas áreas do saber (línguas, literatura, música, artes, tecnologias, matemática e ciência) em ambiente analógico e digital, seja oralmente, escrita, visual ou multimodal.
Informação e comunicação	Utilizando distintas ferramentas e instrumentos analógicos ou digitais para pesquisar, descrever, validar e avaliar de forma segura os diferentes documentos e sua credibilidade, de forma a modificar a informação para conhecimento.
Raciocínio e resolução de problemas	Gerir projetos através do planeamento de pesquisas, mobilizando o raciocínio de forma a encontrar respostas e tomar decisões ou levantar novas questões, usando diferentes recursos e experiências.
Pensamento crítico e pensamento criativo	Pensar de forma lógica observando, analisando e identificando, através de novas ideias ou experiências imaginativas e utilizando metodologias e conhecimentos diferenciados, de modo a tomar uma posição fundamentada antevendo o impacto das suas decisões.
Relacionamento interpessoal	Interagir com outros adequando os comportamentos em diferentes contextos, de modo a cooperar em equipa e a colaborar aceitando diferentes pontos de vista,

	construindo relações e participando na sociedade.
Autonomia e desenvolvimento pessoal	Promover uma aprendizagem ao longo da vida, desenvolvendo confiança em si próprio, motivação, autorregulação e iniciativa promovendo o crescimento de autonomia nas dimensões do saber, do saber fazer, do saber ser e do agir.
Bem-estar e saúde	Fomentar a qualidade de vida pessoal e da sociedade, promovendo a saúde e bem-estar nos hábitos quotidianos e a responsabilidade ambiental e social para a construção de um futuro sustentável.
Sensibilidade estética e artística	Dominar processos técnicos envolvidos na expressão artística para desenvolver nas diferentes realidades artísticas e culturais o gosto individual e o juízo crítico.
Saber técnico e tecnologias	Compreender e manusear instrumentos variados de modo a criar produtos e sistemas, dando resposta a necessidades e desejos humanos mantendo uma consciência ética, social, económica e ecológica.
Consciência e domínio do corpo	Realizar atividades motoras, tendo consciência do próprio corpo, de modo a dominar a ação em diferentes contextos em que ocorrem.

As áreas de desenvolvimento indicadas não pertencem a nenhuma área curricular específica e não obedecem a qualquer hierarquia, cada área curricular envolve múltiplas competências teóricas e práticas como: o desenvolvimento de linguagens e textos e a utilização de tecnologias de informação e comunicação (Martins, et al., 2017).

Para aplicar estes princípios, valores e competências no perfil do aluno para o século XXI é necessário alterações práticas pedagógicas e didáticas para globalizar as ações na prática docente. Recorrendo a diferentes materiais e recursos deve-se abordar os conteúdos de cada uma das áreas de desenvolvimento a problemas do quotidiano, presentes no meio sociocultural e geográfico, promovendo deste modo a observação e questionamento através de instrumentos e experimentação de técnicas variadas, desenvolvendo atividades cooperativas para a integração e troca de saberes na operação de projetos extra ou intraescolares de livre e responsável intervenção, valorizando assim as aprendizagens do aluno no meio escolar e na comunidade (Sá, 2019).

O desenvolvimento das aprendizagens do aluno no perfil à saída da escolaridade obrigatória implica uma ação educativa através da adoção de princípios e estratégias pedagógicas, encontrando os recursos mais eficazes para que exista uma apropriação efetiva de conhecimentos, capacidades e atitudes trabalhadas em conjunto ou individualmente, desenvolvendo as competências-chave durante os anos de escolaridade (Martins, et al., 2017).

2.2 Desenvolvimento pessoal, psicossocial e moral

O desenvolvimento humano tem sido palco de estudos ao longo da história da psicologia, através de mudanças ocorridas nos processos mentais ou comportamentos dos seres humanos durante a sua vida, por influência de fatores biológicos, ambientais e socioculturais (Colunista Portal).

Os autores que estudaram o processo de desenvolvimento pessoal, psicossocial e moral, adotaram uma noção de estágio de desenvolvimento que corresponde a períodos de crescimento ou maturação aquando se observavam alterações qualitativas (Colunista Portal).

Começando por Sigmund Freud, na primeira parte da década de XX, criou a teoria do desenvolvimento da personalidade que para a descrever estabeleceu três estruturas hipotéticas o *id*, o *ego* e o *superego*. O *id* é inconsciente e a fonte da energia psíquica, apresenta-se à nascença como a fome, a sede e o sexo, segundo Freud (Colunista Portal) é uma ação motora para satisfação dos impulsos básicos. O *ego* desenvolve-se aos seis meses de idade, é o que controla, através do movimento voluntário, as exigências do *id*, sendo a parte psíquica em contacto com a realidade tem a tarefa de manter a saúde, sanidade e segurança da personalidade do indivíduo. O *superego* desenvolve-se a partir do *ego*, entre os três e cinco anos de idade, baseado no *superego* dos pais a criança constrói com base na tradição e julgamentos de valores que se transmitem de geração em geração, como uma consciência que se interliga à culpabilidade, autocrítica, honestidade, sentido de dever, obrigações e responsabilidade (Colunista Portal).

Erik Erikson entende o *ego* proposto por Freud como uma força positiva que gera sentido de “eu” tanto nas experiências pessoais como na interação com os outros, Erikson compreende o ser humano como social por isso identifica oito estádios de desenvolvimento psicossocial (Verríssimo, 2002).

O primeiro estágio é *Confiança versus Desconfiança* (0-18 meses) marcado pela relação entre o recém-nascido e a progenitora, se a relação for compensadora e a criança se sentir segura vai expressar uma postura de confiança em relação ao mundo, se pelo contrário a ligação com a progenitora não for satisfatória a criança vai desenvolver suspeita, medo e insegurança relativamente ao meio em geral.

O segundo estágio é *Autonomia versus Dúvida e Vergonha* (18 meses-3 anos), quando a criança está apta a explorar o meio envolvente, se encorajada desenvolve autonomia, se for demasiado controlada e protegida vai desenvolver um sentimento de vergonha e dúvida em se expor e de dependência da opinião dos outros.

O terceiro estágio é a *Iniciativa versus Culpa* (3-6 anos), nesta idade a iniciativa é algo natural nas suas atividades a criança sente prazer quando tem sucesso nas mesmas, mas se receber repreensão ou punição pelas suas iniciativas a criança cria sentimentos de culpa pelo que faz ou pensa.

O quarto estágio é *Industria versus Inferioridade* (6-12 anos) que se localiza na altura das atividades escolares, onde se exige um processo de aprendizagem e de sucesso, quando a criança corresponde a esse êxito a sua autoestima é elevada e cria sentimentos de competência, quando a criança não se sente capaz de atingir com sucesso as atividades escolares, desenvolve um sentimento de inferioridade.

O quinto estágio é *Identidade versus Difusão ou Confusão* (12-18 anos) que acontece na construção da identidade própria através da experimentação, é um período de procura de papéis de adulto, permitindo ao adolescente reconhecer-se como único e diferente, mas se não se consegue definir os papéis vai sentir confusão de identidade.

O sexto estágio é *Intimidade versus Isolamento* (18-30 anos) onde a identidade já se encontra construída e as relações com outros se desenvolvem, existe a procura de uma relação de intimidade com outro, decide se partilha a vida com outra pessoa ou vive sozinho, o que acontece quando não consegue estabelecer esses laços sociais.

O sétimo estágio é *Generatividade versus Estagnação* (30-60 anos) existindo uma vontade de tornar o mundo melhor e de transmitir valores aos mais jovens, ou desinteressar-se pelos outros e preocupar-se apenas consigo mesmo.

Finalmente o oitavo estágio é *Integridade versus Desespero* (mais de 60 anos) que ocorre quando o indivíduo avalia a vida que levou, experimentando sentimentos de satisfação ou de desagrado, a integridade resulta da avaliação positiva de realização do

passado, já o desespero é uma avaliação negativa que desperdiçou a vida e não pode recomeçar.

A teoria de Erikson revolucionou a psicologia do desenvolvimento, pois perspetivou o desenvolvimento ao longo de toda a vida desde o nascimento à morte. Os estádios são definidos por crises psicossociais de polos opostos, quando o polo positivo supera, surge uma qualidade do *ego* que caracteriza uma vida de progresso saudável (Silva, 2013).

Para Piaget o desenvolvimento moral refere-se ao respeito do sujeito pelas regras sociais e ao desenvolvimento do sentido de justiça no sentido da reciprocidade e da igualdade (Tavares, Pereira, Gomes, Monteiro, & Gomes, 2007). Se por um lado Kohlberg focou-se mais em estudar adolescentes e adultos, Piaget concentrou-se no mundo infantil e adolescente, apesar da ligeira diferença Kohlberg admite que os estudos de Piaget constituíram um princípio para o seu próprio trabalho.

Piaget concetualizou o desenvolvimento moral em dois tipos de pensamento a moralidade heterónoma e a moralidade autónoma. Na heteronomia moral (até 8-9 anos) a criança percebe as regras como fixas e imutáveis, a obediência a essas regras sucede ao respeito unilateral pela autoridade e o medo pelo castigo, a infração das regras é entendida como mais grave, quanto maior for o prejuízo, independente do propósito ou intenção que a causou. Na autonomia moral (a partir dos 10-11 anos) a criança desenvolve a responsabilidade, cooperação, respeito mútuo, igualdade e atenção às intenções, as sanções são baseadas na reciprocidade (Veiga, 2013).

Partindo do conceito de estágio apresentado por Piaget para o desenvolvimento cognitivo, Kohlberg procurou construir uma série de níveis na evolução do desenvolvimento moral, desde a adolescência até a idade adulta. Centrando-se essencialmente nos dilemas entre normas legais e valores morais, Kohlberg identificou três níveis de moralidade, correspondendo cada um a uma fase de desenvolvimento da pessoa, cada nível apresentando dois estádios (Veiga, 2013).

- Moralidade pré-convencional até aos 9 anos (estádios 1 e 2) que representa a obediência às regras para evitar punições, não existe intencionalidade, o justo é satisfazer as próprias necessidades e interesses.
- Moralidade convencional dos 10 aos 20 anos (estádios 3 e 4) em que o sujeito interioriza as regras e expectativas sociais, sem considerar as

consequências, acaba por aceitar as convenções e regras sociais para evitar censura, o justo é cumprir para funcionar.

- Moralidade pós-convencional para mais de 20 anos (estádios 5 e 6), em que existe um distanciamento das regras e expectativas mas aceita que essas regras se baseiam em princípios morais, tem flexibilidade nas crenças morais, as decisões implicam princípios universais tais como, justiça, reciprocidade e igualdade.

A vivência em sociedade implica decisões, julgamentos e ações acerca do certo e errado, sejam protagonizados pelo próprio ou pelos outros. Por isso é essencial o uso de normas e valores que regularizam pensamentos, sentimentos e ações. Os autores acima mencionados demonstraram que as normas sociais e morais se limitam a certos momentos da vida de um indivíduo, sendo imprescindível a qualidade das experiências de vida que os ambientes proporcionam (Veiga, 2013).

2.3 Teorias de aprendizagem

A aprendizagem foi estudada pela Psicologia e está relacionada com o seu desenvolvimento enquanto ciência. Prosperaram variadas teorias sobre a aprendizagem, tentando explicar como indivíduos aprendem, como funciona o seu desenvolvimento mental e qual a estrutura do seu modelo de conhecimento (Inácio, 2007).

Teorias Comportamentalistas

As teorias Comportamentalistas ou Behavioristas são tentativas de entender o comportamento e as relações entre os acontecimentos do meio ambiente observáveis e as ações comportamentais em resposta e as respetivas consequências.

John Watson, fundador do movimento Behaviorista distanciou-se do método empírico e das abordagens introspectivas, usando o método experimental com animais e humanos, transformou a psicologia numa ciência natural. Para Watson só se pode estudar a resposta de um indivíduo a um certo estímulo de ambiente e o comportamento seria reflexos inerentes e condicionados, não teria nenhuma herança biológica ou qualquer informação no nascimento (Inácio, 2007).

Burrhus Skinner centrou-se nas respostas e respetivas consequências, ao contrário de Watson que se importava com os estímulos externos de um condicionamento clássico, Skinner desenvolve o condicionamento operante que se baseia na ideia que a aprendizagem depende de consequências já que o comportamento

que origina resultados agradáveis é continuado e repetido, por oposição do comportamento que origina resultados adversos ser evitado. Para Skinner reforçar os estímulos significa reforçar o comportamento, permitindo assim que a aprendizagem ocorra (Tavares, Pereira, Gomes, Monteiro, & Gomes, 2007).

Skinner identifica 3 tipos de reforço, positivo, negativo e punição. O reforço positivo serve para manter o comportamento do indivíduo dando um feedback agradável. O reforço negativo serve para alterar o comportamento do indivíduo, prevendo consequências desagradáveis até que o comportamento seja modificado, sendo removido depois disso. A punição não altera o comportamento do indivíduo, serve apenas para reduzir a probabilidade de voltar a acontecer (Sprinthall & Sprinthall, 1993).

Albert Bandura observou que alguns comportamentos não alinhavam o condicionamento clássico nem o operante, então desenvolveu a teoria da aprendizagem por modelagem, que defende que o ser humano é prossuposto a interações sociais e que desde pequeno aprende com elas, seja a falar ou andar (Inácio, 2007). Bandura acredita que podemos aprender comportamentos sem qualquer tipo de reforço, apenas por observação do comportamento dos outros e respetivas consequências, o que pode capacitar-nos para interpretar e reproduzir mediante a ação (Inácio, 2007).

Para os comportamentalistas a aprendizagem é observável e medível através de resultados finais, o indivíduo é passivo, por esse motivo aprende apenas por forças exteriores que não pode controlar, como estímulos e reforços e consequências.

Teorias Construtivistas

O Construtivismo tem por base as interações sociais, onde os mais experientes demonstram aos menos experientes a solução e resolução do problema, o aluno vai tendo mais autonomia até executar a tarefa com precisão, passando assim para a tarefa seguinte e voltar a repetir o processo (Inácio, 2007).

A abordagem construtivista pretende que o conhecimento seja uma descoberta por parte do aluno tornando-o autónomo, cooperativo, interativo e diretamente responsável pela sua aprendizagem, estimula-se a pesquisa, o trabalho de grupo e uma alternância entre a prática e teoria (Bidarra & Festas, 2005).

John Dewey defendeu que todos temos experiências que podem ser mais valia no método de ensino-apredizagem, os professores devem incentivar as crianças de modo a que desenvolvam as inclinações naturais, como a predisposição para a pesquisa. A

educação deve criar condições para que a criança resolva os problemas propostos por si mesma (Inácio, 2007).

Jerome Bruner defendeu o método de aprendizagem por descoberta, o papel do professor é apresentar conteúdos em forma de problema e orientar os alunos de modo a solucionarem através da descoberta, curiosidade e observação, tendo em conta a individualidade do aluno, que assume o papel de construtor do próprio saber (Inácio, 2007).

Segundo a teoria Construtivista, aprendemos melhor quando estamos diretamente envolvidos na construção do conhecimento, desta forma, a nova informação é integrada no mapa mental. O professor tem um papel de orientador e facilitador no processo de construção de conhecimentos e aprendizagem. O aluno cria conhecimento ao tentar entender as experiências através da reflexão (Inácio, 2007).

Teorias Cognitivistas

A teoria Cognitivista assenta no princípio que para haver aprendizagem, tem de ocorrer uma mudança cognitiva no indivíduo e na sua capacidade de perceção, seleção e organização de acontecimentos e atribuição de significados. O indivíduo possui um esquema prévio de estruturas cognitivas que se traduz pelo conhecimento já adquirido, assim as novas informações relacionam-se com as pré-existentes e provocam alterações cognitivas na estrutura do indivíduo.

Max Wertheimer e Wolfgang Köhler desenvolveram a teoria de Gestalt, um modelo dinâmico em oposição ao modelo mecânico dos Comportamentalistas. A teoria de Gestalt defende a perceção como um todo, não podemos dividir a aprendizagem em vários elementos, pois torna-se diferente consoante o contexto, a perceção é um fator que influencia a aprendizagem, é seletivo, unitário e relaciona-se com os objetivos do indivíduo no momento, pois assim, cada um organiza e interpreta os dados em função dos seus interesses, experiências e emoções (Ostermann & Cavalcanti, 2011).

David Ausubel defende dois tipos de aprendizagem, a mecanicista onde não existe compreensão e a significativa que envolve a compreensão. Na aprendizagem significativa é possível estabelecer uma ligação entre a nova informação e a estrutura de conhecimento prévia, sofrendo assim uma reorganização. Aprendemos representações através de símbolos, conceitos através de critérios comuns e proposições através de relações de conceitos. A nova informação pode ser assimilada a conceitos existentes, originar uma diferenciação nos conceitos pré-existentes, ou integra-se em conteúdo

mais amplo não estabelecendo com ele uma relação direta. Para existir aprendizagem significativa a interação depende da atitude do sujeito, do conhecimento prévio e do material potencialmente significativo através da ancoragem na estrutura do sujeito e de ter significado lógico (Ontoria, et al., 1994).

Na abordagem Cognitivista ensinar é orientar o aluno no desenvolvimento das suas capacidades naturais, deve-se adotar metodologias ativas onde o aluno aprende fazendo, ter em atenção as necessidades de aprendizagem e definir tarefas de aprendizagem de modo a apoiar a construção de novos conhecimentos, mantendo a relação de cada tarefa com o todo (Ostermann & Cavalcanti, 2011).

As três teorias mencionadas são conceitos de aprendizagem de domínios do saber-saber, saber-fazer e saber-ser. Todos igualmente importantes no desenvolvimento do ser humano, por isso a educação e por associação a escola, têm um papel importante como criadores de ferramentas para o progresso.

2.4 Os jovens e as máscaras sociais

As máscaras além de serem um objeto artístico que se coloca no rosto para esconderem a identidade de uma pessoa, têm vários significados que lhes podem ser atribuídos, mas que são muitas vezes confundidos com a sua função. No carnaval, no teatro e nas danças as máscaras estabelecem a natureza dos seus personagens. Já no uso simbólico de máscaras, um indivíduo na sua relação com outro, cria mais do que um personagem, dependendo do contexto social, não dispensa nenhum deles, sendo o “eu” estritamente social (Abrandes, 2003).

A interação social é uma relação de expectativas entre o que o indivíduo pensa ser e aquilo que os outros esperam e pensam dele. A atividade social é então uma representação de papéis onde as pessoas se conhecem e reconhecem, mencionar imagem social e identidade é mencionar sentimentos passando a máscara a ser a nossa própria identidade e o entendimento que temos de nós mesmos e esforçamos por parecer (Lopes, Souza, & Vieira, 2016).

A identidade é criada a partir do ambiente dos outros que nos rodeiam, e também de experiências de vida, por esse motivo a identidade de cada indivíduo irá divergir. Segundo Erikson a identidade é vista como pessoal e cultural, portanto apenas dentro de um grupo um indivíduo pode tornar-se verdadeiro e autêntico, tendo a necessidade de ser reconhecido, formando própria imagem, ou seja, a sua identidade social.

O “eu social” atua em diferentes áreas da vida cotidiana, usa então as máscaras para garantir bons relacionamentos cotidianos. O mesmo acontece com os alunos nas escolas, as máscaras caracterizam estilos juvenis e significados ocultos de violência protagonizada por alguns jovens (Pais, Máscaras, jovens e “escolas do diabo”*, 2008).

A juventude é um conceito baseado em representações sociais que se constroem ao longo do tempo e das circunstâncias históricas. Nenhum jovem é igual a outro, embora possam fazer parte da mesma “cultura juvenil”, são indivíduos que apesar de portadores do sentimento comum, identificam a si mesmos como pertencentes a classes sociais, grupos ideológicos ou grupos profissionais diferentes (Lopes, Souza, & Vieira, 2016).

Histórica e socialmente, a juventude tem sido marcada por uma certa instabilidade relacionada a problemas sociais. Os jovens que não contornam esses “problemas” são apelidados de irresponsáveis e desinteressados. Os jovens são o que são, mas também são o que deles se pensa, muitas máscaras que representam a juventude são fabricações dos *média* e do senso comum (Pais, 2008).

Nos jovens, as máscaras são representações criadas através dos estilos visuais marcados pela diferença, a cara é um instrumento particularmente usado com a preocupação de maquiagens, o uso de bijuteria, *aftershaves*, borbulhas etc. A forma de vestir reveste-se de significado simbólico, para entender esses significados é necessário compreender o uso desses símbolos para os jovens, como vestirem-se de preto e poder indicar o desejo de distanciamento social (Pais, 2008).

Os estilos juvenis aparecem como máscaras, qual o significado sujeita-se dos contextos cotidianos de uso, os mesmos símbolos podem ter significados diferentes. Hebdige interpreta esses estilos juvenis mais audazes como uma forma de resistência às culturas dominantes, uma reação resultante da sua situação de marginalidade ou subalternidade. Transformando assim a própria imagem em “armas de resistência”, como os *jeans* rasgados e gastos poderem representar uma rejeição do consumismo moderno (Pais, 2008).

Assim as máscaras são criadas através das interações sociais, servindo para nos adaptarmos às situações do cotidiano, são recursos que utilizamos para nos inserirmos em grupos sociais e termos uma sensação de pertença. Com os jovens não é diferente, usam as máscaras sociais para e através de interações com o outro, mas também, como forma de resistirem às normas da sociedade e de se fazerem notar.

2.5 O método de introspeção de Wundt e o autoconhecimento

No início da psicologia a introspeção não era usada como método científico, mas como forma do filósofo ou psicólogo se perceber a si e ao cosmos através das suas experiências pessoais. A nova psicologia, de acordo com Wilhelm Wundt, deve ser experimental e imediata, situada entre as ciências naturais e as morais, o estudo dessa experiência deve ser por meio de introspeção (Torres, 2016).

A introspeção era realizada através de estímulos e descrita pelos indivíduos, a observadores treinados, de forma a permitir uma análise dos processos mentais conscientes. O método não teve sucesso pois os resultados eram instáveis, mas apesar disso a introspeção continua a ser usada como método auxiliar de investigação (Método Introspectivo, 2010).

Observar o fenómeno, depois de acontecer, torna a introspeção numa retrospeção, por esse motivo o indivíduo que pratica a introspeção é o único que observa a sua experiência interna, deste modo o indivíduo deve realizar a introspeção como exercício de autoconhecimento, para se redescobrir e ponderar sobre as causas e efeitos por si criados, tomar consciência e proceder, ou não, a alterações (Rosas, 2010).

3. CONTEÚDOS

As Artes Plásticas mantêm em foque a experimentação de novas formas de registo para se dotar da capacidade de conhecer o comportamento de diferentes materiais e as suas sensações estéticas. É uma disciplina de componente experimental com base na pesquisa, pensamento, estudo, expressão e projeto (Aprendizagens Essenciais , 2018).

A diferença cultural deve ser compreendida e respeitada, através das máscaras que são universais a todas as culturas, existe uma oportunidade de avaliar as escolhas das suas criações através do simbolismo adotado, que advém de cada país, seja pelo uso de diferentes materiais, cores ou formatos.

3.1 História das máscaras

A palavra “máscara” provém das línguas latinas de origem arábica, que designa uma figura facial de vários materiais, fadada a obter um disfarce. Mais que um disfarce a máscara tem vindo a desempenhar um papel fundamental e transversal ao longo da história da humanidade e pelo mundo, foram utilizadas com os fins mais distintos, de acordo com a cultura e a religiosidade do povo que a usava (Ferreira & Perdigão). Podia ser empregue como várias funções desde a religiosa, política, social, cultural e educativa, iniciação e funerárias, estas últimas com características antropomórficas (representações através de características humanas) ou zoomórficas (representações através de características animais) (Santana).

As primeiras máscaras eram usadas em 9.000 a.C. pelo homem primitivo em celebrações, cultos e rituais, onde concediam estatuto e autoridade em determinados papéis sociais (Anjos).

Em África as máscaras (Figura 14) são manifestações artísticas que mesmo quando são criadas seguem importantes rituais sagrados de purificação, usadas em celebrações podem representar divindades ou marcam transições de vida como ritos de passagem para conduzir os indivíduos na sociedade. Feitas maioritariamente de madeira, cobre ou marfim, essas máscaras representavam faces de traços exagerados e eram acompanhadas por maquilhagem, pintura corporal, fibras, folhas, peles de animais ou penteados, todos os materiais e cores eram escolhidos pela sua simbologia e significado (Rocha, 2013).



Figura 14- Máscaras Africanas



Figura 13- Máscara Egípcia

No Egito antigo (Figura 13) as máscaras tinham uma função funerária, colocavam-nas no rosto do falecido com a crença de passagem para a vida eterna, acreditavam que estas máscaras mortuárias guiavam e evitavam a fuga do espírito do corpo, onde seria o seu local de descanso eterno. Para os comuns, eram feitas de gesso ou estuque, mas para pessoas importantes utilizavam metais preciosos como a prata e o ouro e eram adornadas de pedras preciosas (Rialian).

As máscaras teatrais surgiram durante a Grécia antiga, como forma de exagerar a expressão, enfatizando as características das personagens. Eram usadas para contar histórias e/ou para ensinar, criadas então de tamanho que permitisse aumentar a presença e a voz, através de uma espécie de dispositivo. As máscaras nesta era, também eram utilizadas nas famosas festas dionisíacas, como forma de ocultar a verdadeira face e deste modo permitir impulsos reprimidos e libertando-os das normas sociais. Foram introduzidos em Portugal desta forma (Figura 16) (Anjos).



Figura 16- Máscaras Gregas



Figura 15- Máscaras Portuguesas

O Japão (Figura 18) também utiliza as máscaras nos seus teatros, divididas em cinco tipos: pessoas de idade, deuses, deusas, demónios e duendes. A cor destas máscaras tem significados diferentes consoante as personagens (Anjos).

Os esquimós acreditavam na dupla existência, cada criatura podia mudar de forma de um ser humano ou animal, por esse motivo as máscaras eram construídas com duas faces, uma de animal, outra de humano. Nas cerimónias festivas, erguiam a máscara externa, expondo a outra máscara (Rialian).

Com o fim do Império Romano, os cristãos primitivos proibiram o uso das máscaras por serem associadas a cultos pagãos. Em Veneza as máscaras transformaram-se em peças decorativas, usadas pelos bobos da corte em teatro improvisado, que mais tarde inspiraram o carnaval veneziano (Figura 17) (Anjos).



Figura 17- Máscaras Japonesas



Figura 18- Máscaras Venezianas

Presentemente, as máscaras são usadas em alguns eventos sociais como bailes e desfiles de carnaval, mas na maior parte dos casos como proteção, como o caso de médicos, soldados, desportistas e outras profissões (Anjos).

A máscara é um símbolo visual que ao longo do tempo teve vários propósitos e funções, funcionavam como passaportes imaginários, “ferramentas” para dar vida a narrativas e eventos ainda inexplicáveis.

O rosto de cada pessoa é diferente e ao olharmos uns para os outros o que vemos é um rosto, mas nele imaginamos um modo de ser ou tipologias. Através de recursos da arte, a máscara procura compreender o que existe de mais universal no homem e o que nos liga ao mistério da vida e da morte (Anjos).

3.2 Proporções faciais

Durante séculos, os filósofos, artistas, teóricos e arquitetos preocuparam-se com as dimensões do corpo humano, não só no campo do desenho e da representação, mas também como sistema métrico nas operações construtivas tal como o dedo, polegada, palmo ou o pé (Panero & Zelnik, 2002).

Existiu ao longo do tempo inúmeras teorias sobre as proporções do corpo humano (cânones de beleza), segundo Julius Panero e Martin Zelnik, na idade média o monge Dionísio escreveu que a dimensão do corpo humano equivale a nove vezes a altura da cabeça, enquanto no século XV o italiano Cennino Cennini descreveu a altura do homem como igual à sua largura de braços estendidos. Vitruvius que nasceu no século I a.C. em Roma, descreve detalhadamente as proporções do corpo humano no seu tratado de arquitetura (Panero & Zelnik, 2002).

No Renascimento, Leonardo Da Vinci criou o seu famoso desenho sobre figura humana, baseado no homem-padrão vitruviano (Figura 19). No século XIX em Londres, John Gibson e J. Bonomi reconstruíram a figura do homem vitruviano, 2000 anos depois de Vitruvius o ter apresentado nos seus 10 volumes de arquitetura (Panero & Zelnik, 2002).

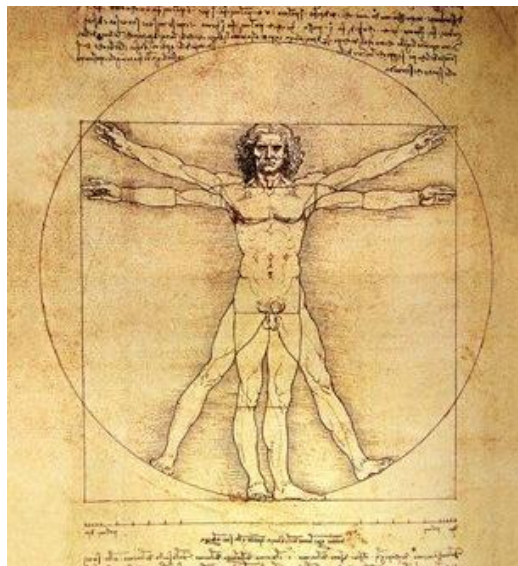


Figura 19- Homem vitruviano de Leonardo Da Vinci

Os padrões de beleza foram-se alterando ao longo dos séculos, especialmente o rosto, como podemos observar nas esculturas da Grécia antiga, tinham preferência por perfis faciais mais achatados, embora nos tempos modernos a nossa percepção de rosto

ideal se tenha alterado, e os cânones derivam consoante a área, a arte, a moda, com os médicos, estrelas de cinema e até no julgamento do público (Tirgoala, 2015).

Na história da arte, a cabeça foi no geral a unidade de medida comum para estabelecer uma divisão lógica do resto do corpo. Tal como o corpo, o rosto é definido por certas proporções ou cânones, cada rosto é único, mas com certas “regras” é mais fácil desenhá-lo e obter uma maior aproximação da realidade (Panero & Zelnik, 2002).

Segundo a teoria das proporções herdada de Vitrúvio (Figura 20), o rosto assemelha-se á forma de um ovo, mais larga na parte de cima e mais estreita no queixo, a sua largura é dois terços de seu comprimento o nariz e a boca encontram-se no meio dessa largura, e em altura é dividido horizontalmente em três partes iguais: desde o início do cabelo até às sobrancelhas, das sobrancelhas até o acúleo do nariz e a última parte do acúleo do nariz ao queixo. A distância entre os olhos corresponde á largura do nariz, se desenhar uma linha imaginária vertical no centro de cada olho, a distância entre as duas linhas é a largura da boca (Serra, 2012).

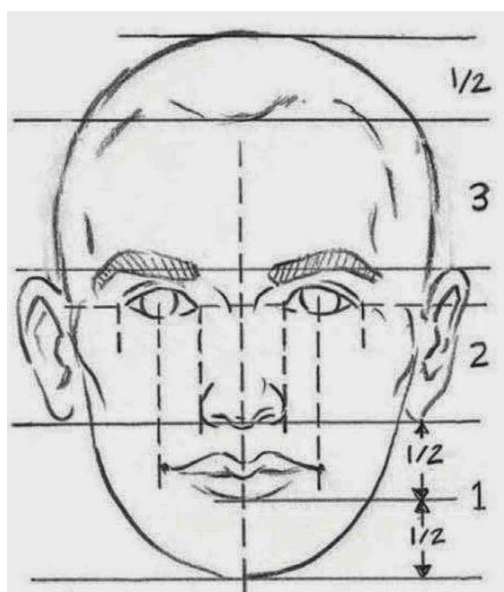


Figura 20- Proporções de padrão facial

Este padrão descrito reconhece-se como modelo clássico ou razão áurea, apesar da ciência o ter comprovado insustentável, pois na realidade nenhum rosto é perfeitamente simétrico, mas ainda conta com muitos adeptos entre os cirurgiões plásticos (Serra, 2012).

Nas proporções da cabeça ou rosto existe várias teorias e cânones, tal como no corpo. Especialistas de arte, medicina, história e estética entre outros, ainda se mantêm com opiniões divididas. Para melhor desenhar a figura humana o ideal, mesmo

mantendo em ideia os cânones existentes, será a observação direta e medição por comparação (Tirgoala, 2015).

3.3 Tecnologia e reciclagem dos materiais

Os materiais assumem uma relevância no desenvolvimento de produtos, a tomada de decisão na construção de um objeto passa pelo material ideal a ser usado no projeto, a decisão diferencia ao nível das propriedades mecânicas, dos processos de fabrico, das propriedades e mesmo considerações socioeconómicas e ambientais (Beck & Boeira, 2007).

Estas substâncias à temperatura ambiente, podem encontrar-se na natureza em três estados diferentes: estado sólido, estado líquido e estado gasoso. São classificados entre naturais e artificiais, os materiais naturais podem ter origem animal, vegetal ou mineral, os materiais artificiais podem ser obtidos através da transformação dos de origem natural (Beck & Boeira, 2007).

Os materiais podem ser divididos em quatro grandes grupos:

- Metais como o ouro, cobre, estanho, bronze, ferro, aço, alumínio;
- Polímeros como fibras, peles, cola, borracha, plásticos;
- Cerâmicas como o barro, cimento e o vidro;
- Compostos surgem com a junção de vários materiais, como o papel e fibras de vidro, ótica e carbono.

Que podem ter propriedades físicas, químicas ou mecânicas. As propriedades físicas são as que identificamos pelos nossos sentidos, sem haver alteração no material como a cor, brilho, textura, etc. As propriedades químicas são os comportamentos da substância quando se encontra na presença de outra como, pH, acidez, composição, etc. As propriedades mecânicas definem o comportamento dos materiais quando sujeitos a forças exteriores, a sua capacidade de resistir sem se fraturar ou deformar, como a flexibilidade, plasticidade, elasticidade, dureza, resistência, combustibilidade, maleabilidade, impermeabilidade, etc. (Beck & Boeira, 2007).

Para o funcionamento sustentável de uma sociedade as matérias-primas são essenciais, pois a economia depende dos seus valores comerciais, que têm um a influência direta na indústria e na empregabilidade. Os resíduos criados pela indústria, construção ou consumidores são recursos importantes. Entende-se por resíduo um material sem interesse e indesejado, alguns materiais podem ser reaproveitados,

reutilizados, reciclados ou convertidos em energia, tornando-se assim uma matéria-prima secundária (Ferreira H. M., 2014).

A importância da reciclagem está bem presente na atualidade e claro que ao falar de materiais a reciclagem é uma parte essencial da sua transformação. Reciclar é o processo que transforma materiais já anteriormente utilizados em novos produtos, reintroduzindo-os no ciclo produtivo. Os materiais mais reciclados são o papel, plástico, vidro e o metal (Suçuarana). Com o aumento da reciclagem nos ferros-velhos (Figura 21) observou-se, uma redução do consumo de recursos naturais e por consequente uma redução dos resíduos criados pela indústria, poupança energética pois a transformação de matéria secundária é mais eficiente, redução de gases emitidos com efeito de estufa e a diminuição de outros danos ambientais e o decréscimo da deposição de resíduos em aterros (Junior, 2013).



Figura 21- Ferro Velho de Santa Marta do Pinhal

O papel ou cartão são constituídos por elementos fibrosos de origem vegetal, são materiais bastante maleáveis e facilmente cortados, de baixo custo e fácil obtenção. A madeira é utilizada na produção de papel devido à celulose, mas por si só a madeira também é um material facilmente reciclado, não da mesma forma que os anteriormente mencionados, mas a mesma peça pode ser tratada e utilizada para a criação de outro objeto (Suçuarana).

Os metais encontram-se em camadas do solo e subsolo em forma de corpo mineral, depois de extraídos de minas são levados para ser tratados e transformados de

forma a poderem ser utilizados, no entanto só algumas ligas metálicas podem ser recicladas (Suçuarana).

Quanto aos tipos de plástico são inúmeras as tipologias, são facilmente extensíveis e moldáveis, são ótimos para a obtenção de moldes ou criação de objetos de curta vida utilitária, o que os torna bons materiais para reciclagem (Suçuarana).

O vidro é obtido através de uma fusão de areia e sais a grandes temperaturas, pode ser reciclado infinitas vezes e nunca perde as propriedades, mas é um material rijo e nada maleável, o que o torna difícil de manusear além de ser altamente cortante, é preciso muito cuidado na sua manipulação (Suçuarana).

A fibra têxtil é uma matéria-prima a partir do qual os tecidos são fabricados, a fibra é transformada em linhas através da fiação e as linhas em tecidos. É um material que, depois de produzido dificilmente volta ao seu estado original, mas tal como a madeira não quer dizer de não possa ser reciclado apesar de alterar a forma convencional (Beck & Boeira, 2007).

3.4 Eletrotécnia

Segundo (Richter, 1982), a eletricidade foi a mais poderosa e temível de todas as forças da natureza, até o homem aprender a dominar. Agora serve-nos no dia-a-dia, utilizamos a corrente elétrica para fins que nos interessam. Usamo-la de inúmeras e diferentes formas, a maior parte das vezes sem pensar muito no assunto, com apenas um carregar do interruptor ou botão de contacto.

A eletricidade não se manifesta de forma simples, não tem peso, forma ou cor, não pode ser vista, não lhe podemos tocar, não a podemos partir em bocados. Temos de a considerar uma forma de energia que se manifesta por diferentes meios e formas, por exemplo, forma de calor irradiante, de luz, de magnetismo, de energia química, etc. (Richter, 1982).

A história da eletricidade começou na época da Grécia antiga, onde se pensava que certos materiais eram dotados de poderes mágicos, pois quando esfregados com lã atraíam subitamente pequenos objetos na sua direção. Mais tarde foi inventada a garrafa de Leyden que recolhia eletricidade através da fricção. Posteriormente, Benjamim Franklin demonstrou a natureza elétrica das descargas atmosféricas com a sua experiência do papagaio. Cinquenta anos depois Volta anuncia a descoberta da

eletricidade galvânica produzida por transformações químicas de elementos (Richter, 1982).

Nos meados do século XIX começou-se a reconhecer o significado dos elementos galvânicos, tendo sido utilizada como corrente contínua na telegrafia e mais tarde no telefone. Com base nas leis de indução eletromagnética descobertas por Faraday, em 1831, começou-se a construir dínamos e motores elétricos, tendo iniciado nessa altura a utilização da eletricidade para iluminação, aquecimento, transportes entre outras formas (Richter, 1982).

Segundo Heinz Richter, em 1982, a luz elétrica é considerada uma onda eletromagnética com um curto comprimento de onda. Os nossos olhos apreendem apenas uma parte minúscula de uma grande banda de frequências, compreendidos entre 400 e 760 nanómetros, como se observa na Tabela 6, que refere ainda a luz Ultravioleta com um comprimento de onda abaixo de 400 e os Infravermelhos acima de 800, ou seja, são invisíveis ao olho humano (Richter, 1982).

Tabela 6- Cor de comprimentos de onda

Cor	Comprimento de onda em nanómetros
Infravermelho	800
Vermelho escuro	760
Vermelho claro	680
Laranja	650
Amarelo	590
Verde	530
Azul claro	490
Azul-escuro	430
Violeta	400
Ultravioleta	260 ... 400

Quanto à luz branca é composta por todos os comprimentos de onda na gama das visíveis. Se exibirmos um prisma de vidro atravessado por raios de sol, o prisma decompõe diferentemente os vários comprimentos de onda, que ao projetarmos num fundo branco sob a forma de tira colorida começa com vermelho escuro, percorre toda a

gama das cores e acaba em violeta (Figura 22). Esse espectro luminoso aparece também no arco-íris, em vez do prisma a luz do sol atravessa gotas de água (Richter, 1982).

Relativamente ao circuito elétrico é como um caminho fechado onde o fim e o início pertencem ao mesmo ponto. Para um circuito elétrico funcionar necessita de uma fonte de tensão como uma tomada, bateria ou pilhas, mas também precisa de uma carga, que neste caso pode ser uma lâmpada ou LED. Quanto ao tipo de ligações de lâmpadas podemos fazer três tipos: circuito em série, circuito em paralelo e circuito misto que é formado pelos dois anteriores (Mundo da eletrica).

O circuito em série é composto por componentes ligados em sequência, onde se verifica apenas um ponto em comum entre eles, a corrente é sempre a mesma passando pelos componentes, independentemente da quantidade (Mundo da eletrica).

O circuito paralelo é composto por componentes eletrónicos que possuem dois pontos em comum, desta forma a corrente elétrica divide-se proporcionalmente ao valor de cada componente (Mundo da eletrica).

Apesar da evolução da eletricidade e a simplicidade do circuito elétrico, acima apresentado, qualquer exercício realizado com corrente elétrica é perigoso e aconselhado a realizar apenas ou acompanhado por profissionais (Richter, 1982).

3.5 As cores e a sua simbologia

A percepção da cor deriva da estimulação das células fotorrecetoras existentes no olho humano por radiação eletromagnética, no caso dos humanos só uma pequena parte dessa frequência por radiação se torna visível, como mencionado no ponto anterior o comprimento de onda visível pelo olho humano permite-nos ver apenas as cores do arco-íris (Figura 22), mas existem outras frequências que mesmo invisíveis são conhecidas e usadas pela humanidade que inclui raios gama, raios X, ultravioleta, infravermelhos, radar e ondas de rádio.

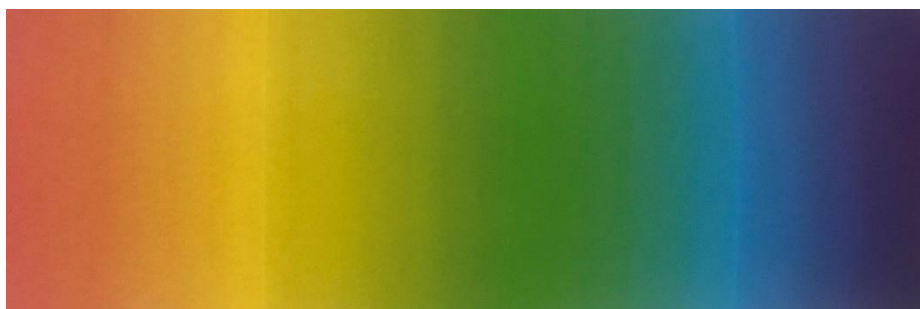


Figura 22- Cores do arco-íris

As ondas luminosas são incolores, a cor nasce da percepção e interpretação dos sinais electro nervosos criados no olho e cérebro dos seres vivos, logo o mesmo comprimento de onda pode ter várias interpretações dependendo do sujeito.

A forma como compreendemos as cores pode ser classificada como síntese aditiva ou síntese subtrativa. Segundo (Ramos & Porfírio, 2009), os sistemas de luz ou a síntese aditiva são misturas das quais adicionamos luzes de cor até chegarmos à branca, o sistema mais utilizado é o RGB (vermelho, verde e azul), mas também podemos utilizar o HBS (matiz, saturação e brilho) baseado na teoria e modelo tridimensional de Munsell (Figura 23) (Ramos & Porfírio, 2009). Nos sistemas pictóricos ou síntese subtrativa, por cada mistura realizada a luz é retida aproximando-nos da cor preta, normalmente utilizados para impressão gráfica ou Belas Artes, os sistemas principais tentam determinar um número mínimo de pigmentos a partir dos quais se obtém todas as outras cores, os sistemas mais utilizados são o RYB (vermelho, amarelo e azul) também conhecido como sistema ternário (magenta, amarelo e ciano), onde são utilizadas três cores primárias, o CMYK (ciano, magenta, amarelo e preto), mais usado para as artes gráficas devido à necessidade de impressão, por último o Pantone Hexachrome, como sistema baseado em seis cores primárias o método pode representar qualquer sistema de cor mas a mais usada baseia-se no das cores primárias (RYB) da Roda de Oswald e na Esfera de Runge (Ramos & Porfírio, 2009).

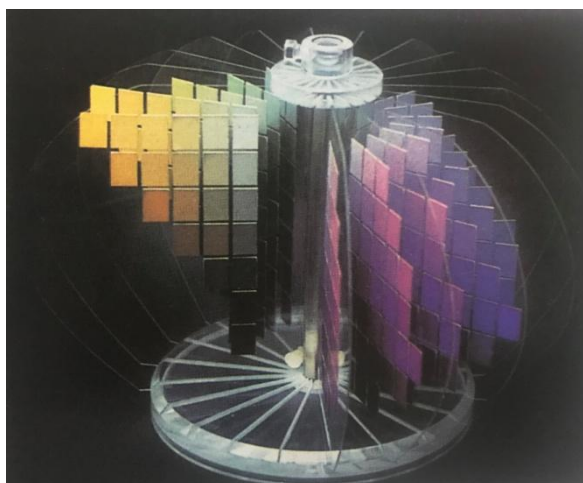


Figura 23- Sistema tridimensional de Munsell

A cor-pigmento é usada maioritariamente para Belas Artes, que ao juntarmos cores básicas conseguimos obter todas as outras, uma vez que são organizadas por cores primárias, secundárias e terciárias. Quanto às cores primárias, estas são independentes pois não dependem de nenhuma mistura para serem criadas; as cores secundárias são

formadas pela mistura de duas primárias e se formadas em círculo localizam-se entre as primárias correspondentes à mistura; as terciárias ou intermédias resultam da mistura de uma primária com uma secundária diretamente adjacente no círculo, a progressão harmónica nas cores chama-se cores análogas, se misturada uma primária e secundária contrárias no círculo a cor resultante é uma variação de cinza, a estas duas cores chamamos de complementares (Ramos & Porfírio, 2009).

As cores que nos rodeiam no dia-a-dia não apresentam estados puros da cor como nos pigmentos de cores básicas, são formadas por diferentes proporções de valor, intensidade e tom, formando assim através do branco e preto, todas as cores que conhecemos (Ramos & Porfírio, 2009).

As cores afetam a emoção das pessoas, no princípio parece que afetam de forma diferente sem correlação lógica, mas Eva Heller, 2012 mostra-nos através dos resultados da sua pesquisa que acontece exatamente o contrário, as cores e os sentimentos combinam e não são questão de gosto individual, são vivências comuns a todos que se enraizaram na nossa história, linguagem e pensamento, desde pequenos.

Conhecemos mais sentimentos que cores, logo algumas cores podem-nos estimular de forma diferente, dependendo da ocasião e do ambiente ao redor as cores não existem sozinhas e além de acompanharem objetos também se acompanham umas às outras em quantidades diferentes. Para cada efeito existe um acorde cromático específico com diferentes cores e quantidades de mancha (Heller, 2012).

Na psicologia das cores segundo Heller usa-se 13 cores diferentes e autónomas, nenhuma pode substituir outra, as cores são as seguintes: azul, vermelho, amarelo, verde, preto, branco, laranja, violeta, rosa, ouro, prata, castanho e cinza. Nas Figuras 24 e 25 pode-se observar acordes de efeitos opostos, mas apesar disso podem cruzar a mesma cor entre eles, como o caso do vermelho que pode significar amor ou ódio, erótico ou brutal, ou o caso de tranquilo e do natural que contém as mesmas cores, mas em quantidades diferentes (Heller, 2012).

Conhecer o significado das cores e o sentimento que um acorde cromático específico é realmente imprescindível para quem trabalha com cores, como artistas, *designers* e arquitetos (Tabela 7) (Heller, 2012).



Figura 25- Acordes de cores



Figura 24- Acordes de cores

Tabela 7- Simbologia das cores

Cores	Sentimentos
Azul	Simpatia, Harmonia, Amizade, Confiança, Distância, Infinito, Grandeza, Fidelidade, Divino, Frio, Inteligência, Ciência, Concentração, Independência, Desporto, Masculino, Prático, Descontração, Passividade, Mérito
Vermelho	Amor, Ódio, Força, Coragem, Atrativo, Calor, Energia, Paixão, Desejo, Regozijo, Felicidade, Extroversão, Sonoro, Nobres, Proximidade, Ira, Perigo, Proibido, Erotismo, Imoral
Amarelo	Lúdico, Recreação, Jovialidade, Otimismo, Iluminação, Inveja, Ciúme, Avareza, Egoísmo, Acidez, Espontâneo, Ostentação, Intrusão, Traição, Hipocrisia, Desonra, Verão
Verde	Agradável, Tolerância, Natural, Vivacidade, Saudável, Primavera, Fresco, Juventude, Esperança, Veneno, Horripilante, Burguesia, Abrigo, Credibilidade, Fertilidade
Preto	Poder, Violência, Morte, Negação, Elegância, Fim, Luto, Infidelidade, Magia, Misterioso, Introversão, Mau, Azar, Conservador, Poder, Viril, Anarquia, Ilegal, Pesado, Apertado
Branco	Inocência, Espírito, Princípio, Novo, Bem, Verdade, Perfeição, Honestidade, Clareza, Exatidão, Sussurrante, Pureza, Neutral, Objetivo, Leveza, Status
Laranja	Deleite, Aromático, Recreação, Lúdico, Assediante, Controverso, Outono, Atenção, Transformação

Violeta	Magia, Teologia, Violência, Devoção, Penitência, Sobriedade, Extravagância, Singularidade, Vaidade, Misterioso, Fantasia, Esoterismo, Pecaminoso, Original, Inconformista, Artificial, Ambivalência, Imprecisão
Rosa	Doce, Delicado, Chocante, Charme, Cortesia, Sensibilidade, Ternura, Vaidade, Infância, Pequeno, Feminino, Sentimentos, Romantismo, Brandura, Barato
Ouro	Dinheiro, Sorte, Luxo, Felicidade, Orgulho, Mérito, Beleza, Pompa, Solenidade, Ostentação
Prata	Velocidade, Dinheiro, Lua, Dinamismo, Distante, Fria, Límpida, Clara, Intelectual, Moderno, Tecnologia, Elegância, Singular, Extravagante
Castanho	Aconchego, Burrice, Feio, Antipático, Anti erótico, Intragável, Preguiça, Acidez, Amargor, Antiquado, Pobreza
Cinza	Tédio, Crueldade, Entediante, Hostil, Feio, Reflexão, Insegurança, Insensível, Grosseiro, Indiferença, Velhice, Esquecimento, Passado, Modéstia, Monotonia, Conservador, Conformismo

4. PROJETO PEDAGÓGICO

O capítulo tem como objetivo descrever a Unidade Didática desenvolvida, tal como a turma envolvida e a sala de aula. Apresentando a planificação do projeto e relatórios detalhados e ilustrados de todas as aulas lecionadas no âmbito da Unidade.

4.1 Caracterização da turma

A turma na qual foi desenvolvida a Unidade Didática, pertencia ao 12.º ano de escolaridade do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, no total era composta por 16 alunos, 11 raparigas e 5 rapazes, com idades compreendidas entre os 16 e os 19 anos e uma média de 17 anos de idade, todos os dados foram obtidos através de questionários sociodemográficos (Anexo F) realizados com a turma em questão.

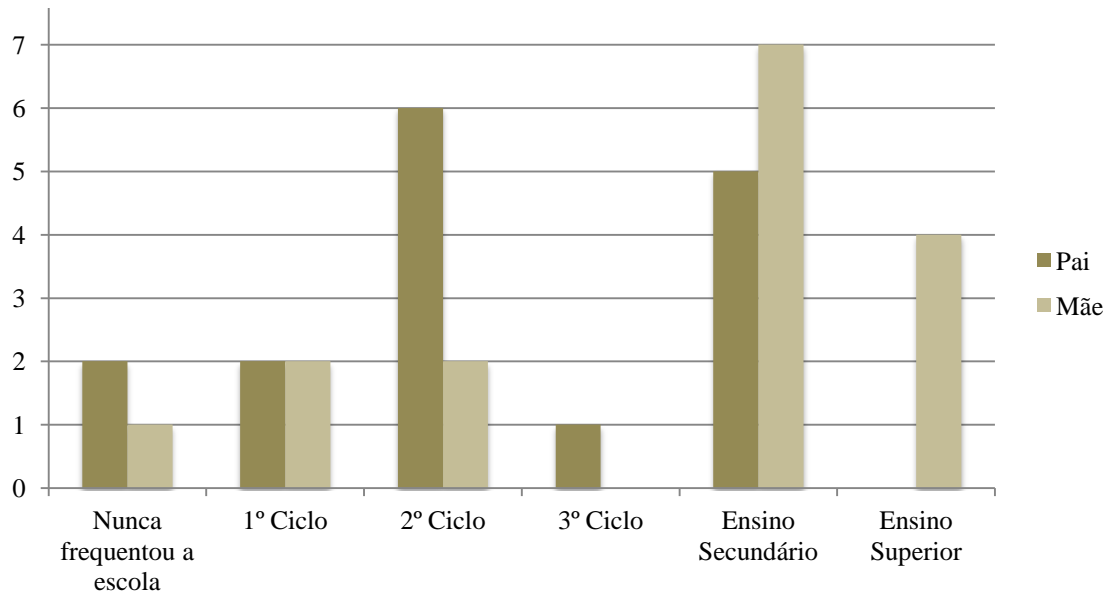
A escola situa-se, como já mencionado anteriormente, numa zona de bairro social, por esse motivo as escolas deste concelho foram apostando cada vez mais nos cursos profissionais como forma de baixar o número de alunos relativamente ao abandono escolar. Com o aumento significativo de alunos nos cursos profissionais, houve um decréscimo expectável nos Cursos Científico-Humanísticos, especialmente no de Artes Visuais, que por norma tem uma turma por escola. No caso da escola onde foi implementado o projeto, para conseguir abrir o curso os alunos vieram de todo o concelho especialmente da última urbanização que não tem escola secundária.

A maioria dos alunos desloca-se para a escola de autocarro ou de carro, transportados por pais e/ou encarregados de educação, devido à grande distância a que moram da escola.

Os encarregados de educação da turma que faz parte deste estudo de caso são, na grande maioria as mães dos alunos, com exceção de um aluno, que por ser maior de idade quando inscrito na escola no 11.º ano ficou o próprio como encarregado de educação. Perto de metade da turma vive apenas com a mãe e irmãos.

As habilitações literárias dos pais e mães dos alunos da turma distribuem-se pelo Gráfico 1 de forma clara, a quantidade de mães com estudos equivalentes ou superiores ao ensino secundário é superior que a dos pais, já o 2.º ciclo é a habilitação literária de grande parte dos pais.

Gráfico 1- Habilitações escolares dos pais dos alunos



Na turma de 16 alunos, 10 carecem de Apoio Social Escolar (ASE), e nenhum tem Necessidades Educativas Especiais.

De referir, que um aluno ausentou-se da escola por motivos de saúde, até ao início da Unidade Didática, então esta sucedeu com somente com 15 alunos.

4.2 Caracterização da sala de aula

A Escola Secundária Manuel Cargaleiro possui oito blocos de pavilhões e como explicado anteriormente, os blocos são denominados do A ao F, com exceção do refeitório e o gimnodesportivo, o pavilhão B destina-se ao ensino das disciplinas de Artes, como a Educação Visual e a Expressão Plástica ao nível do 3.º ciclo, o Desenho A, a História da Cultura e das Artes, Oficinas de Multimédia B, Oficinas de Artes e Geometria Descritiva A, ao nível do ensino secundário.

A Unidade Didática foi implementada nas aulas de Oficina de Artes, mantendo-se sempre na mesma sala de aula, com trinta lugares sentados sem contar com o do professor. A sala tem sete janelas o que a torna ampla e bem iluminada, sendo fornecida de um computador com ligação à internet, um quadro negro, um projetor e tela, uma mesa de luz, três mesas de trabalho e dois lavatórios (Figura 26).



Figura 26- Sala de Oficina de Artes da ESMC

A sala de aula dispõe de uma boa organização de mesas e cadeiras, que facilita a deslocação do professor pela sala, à exceção de algumas cadeiras em mau estado, o material mobiliário é adequado a uma sala de aula da disciplina de Oficina de Artes.

4.3 Unidade Didática

Oficina de Artes é uma disciplina que integra o Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais do 12.º ano, com uma carga horária de 2 unidades letivas de 90 min semanais. Segundo o programa da disciplina em vigor, até à data da intervenção, compete à Oficina de Artes “abordar as áreas de expressão e concretização plásticas bi- e tridimensionais, associadas aos fenómenos da comunicação visual” (Gonçalves & Alírio, 2005). Conforme as Aprendizagens Essenciais, em articulação com o perfil dos alunos, a disciplina de Oficina de Artes “deve ter uma componente experimental” onde permite “conhecer o comportamento e as sensações estéticas dos diferentes materiais inerentes às artes plásticas” (Aprendizagens Essenciais, 2018).

O programa da disciplina (Gonçalves & Alírio, 2005) desenvolve-se em três módulos: “Módulo 1 – Área de Diagnóstico (Temas Estruturantes)”, “Módulo 2 – Projeto Artístico (Questões Permanentes)” e “Módulo 3 – Áreas de Desenvolvimento e Concretização do Projeto”. A Unidade Didática concebida corresponde ao Módulo 1 e aos temas, “2. Materiais, Suportes e Instrumentos” e “3. Técnicas de Expressão e Representação”, os conceitos essenciais abordados foram os seguintes - material, instrumento, suporte, expressão, representação e processo criativo.

Através do programa da disciplina, das aprendizagens essenciais e de conversas com a turma ao longo do ano, foi notório a decisão de criar uma Unidade Didática centrada na manipulação de diferentes materiais de natureza reciclável, na compreensão da energia elétrica como parte integrante do mundo e na valorização própria através de exercícios de autoconhecimento.

O projeto pedagógico (Anexo A), a desenvolver pelos alunos, decorre do seguinte enunciado:

Objetivo

Construir uma máscara que reflita a tua visão de ti mesmo, a partir de materiais reciclados e que incorpore elementos de eletrotecnia. Tamanho máximo 40cm x 40cm x 40cm.

Fases

1. Preenche um questionário que te vai ajudar a fazer uma análise introspectiva sobre as coisas que te identificam;
2. Esboça as tuas ideias em papel cavalinho com ajuda do questionário anterior, utiliza o formato que achares mais conveniente, tendo em consideração os materiais que pensas utilizar e como vais incorporar elementos de eletrotecnia;
3. No dia 14 de janeiro 2020, a aula vai ser dada em conjunto com o professor de eletrotécnica Carlos Vieira, para te ajudar na sua implementação;
4. No dia 17 de janeiro 2020, vai existir uma visita de estudo ao ferro velho de Santa Marta do Pinhal, para poderes recolher e utilizar algum material que por lá encontres;
5. Constrói a tua máscara; entrega dia 21 de fevereiro 2020
6. Faz uma memória descritiva* do trabalho realizado, de preferência envia por mail, para a professora Conceição Carinhas. Entrega até dia 21 de fevereiro.

*A memória descritiva é uma descrição dos aspetos de um projeto. Esses aspetos são a descrição da concretização do objeto em causa.

É composta por:

- Introdução (breve explicação do que consiste o projeto)
- Desenvolvimento (modo como realizaste o teu trabalho, quais os materiais e porquê, técnicas que utilizaste e tudo o que achares relevante para a sua descrição)
- Conclusão (Explica o que mais gostas-te e o que correu menos bem)

A Unidade Didática começa com a entrega da proposta de trabalho (Anexo A) e a sua explicação, passando para uma contextualização do tema de forma expositiva, de seguida é entregue um questionário (Anexo E) que tem por objetivo ajudar no processo de escolha para o tipo de máscara que o aluno pretende criar, baseando-se no autoconhecimento que tem de si mesmo.

Numa segunda fase o aluno esboça as ideias com a ajuda do questionário realizado anteriormente tendo em consideração as proporções faciais e os materiais a serem utilizados.

A terceira fase é uma aula partilhada com o professor de eletrotécnica do Curso Profissional Técnico de Eletrónica Automação e Computadores da escola.

A quarta fase corresponde à visita de estudo ao ferro velho de Santa Marta do Pinhal, onde foi possível recuperar alguns materiais que os alunos acharam com interesse para o seu projeto.

A construção da máscara encaixa-se na quinta fase e é onde ocorre a experimentação de materiais, a criação de metodologias e a perceção da relação da obra de arte *versus* função.

A sexta e última fase do projeto foca-se na entrega e apresentação dos trabalhos à turma, mas também na entrega de uma memória descritiva, como forma de consolidação de conhecimentos e como reflexão autocrítica do trabalho realizado.

4.4 Planificação

A Unidade Didática foi planificada e organizada como se apresenta na tabela seguinte:

Tabela 8- Planificação da Unidade Didática

	Atividades	Objetivos	Recursos	Conteúdos	Tempo	Avaliação
1º Fase	-Apresentação da proposta -Realizar exercício de introspeção	-Explicar o projeto e as suas fases. -Apresentar exemplos. -Mostrar vários tipos de materiais e sua utilização.	Computador (PowerPoint) - Amostras de vários materiais reciclados.	Conceito de Projeto. O projeto como sistema de relações transversais a várias áreas.	90 min (1 aula)	Sumativa Interesse nos fenómenos de índole artística Aquisição e compreensão de conhecimentos.
2º Fase	-Esboços das ideias em papel cavalinho A3	-Compreender o desenho como forma de pensamento e comunicação	Pesquisa	Representação de formas imaginadas	90 min (1 aula)	Sumativa Domínio dos meios de representação
3º Fase	-Aula com professor convidado da área de eletrotécnica	-Entenderem a produção, o processamento, o transporte, a distribuição e o armazenamento de energia elétrica.	Material de eletrotécnica	Prática de interdisciplinaridade	90 min (1 aula)	Avaliação formativa Formulação de questões pertinentes
4º Fase	-Visita de estudo a um ferro velho	-Recolha de materiais		-Suportes Características, dimensões e funções	90 min (1 aula)	Sumativa Capacidade de relacionar os conhecimentos obtidos e de os reutilizar
5º Fase	-Construção das máscaras	-Entenderem a modulação de vários materiais		A plasticidade das diferentes linguagens/técnicas	9x90min (1 aula)	Avaliação formativa
6º Fase	-Entrega dos trabalhos e apresentação dos mesmos	-Partilhar histórias e ideias que os levou ao produto final		-Inter-relações	90 min (1 aula)	Realização de uma memória descritiva Avaliação sumativa

Tabela 9- Cronograma de aulas

Cronograma da planificação da Unidade Didática													
Janeiro							Fevereiro						
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4	2	3	4	5	6	7	8
5	6	7	8	9	10	11	9	10	11	12	13	14	15
12	13	14	15	16	17	18	16	17	18	19	20	21	22
19	20	21	22	23	24	25	23	24	25	26	27	28	29
26	27	28	29	30	31	1							

4.5 Relatório

O presente relatório da Prática de Ensino Supervisionada descreve todas as aulas lecionadas que compõem a realização da Unidade Didática, sendo apresentadas aula por aula um registo, reflexões, data e imagens resultantes de cada aula.

Dia 7 de Janeiro de 2020	10H55
Turma 12.ºD	Sala B43
Oficina de Artes	Terça-feira
Relatório de aula	

Os alunos entraram na sala, vindos das férias de Natal, entusiasmados para começarem novos projetos. Como a turma tem poucos alunos, não é necessário a verificação de presenças, optando por marcar as faltas no final de cada aula.

A aula deu início com a distribuição do enunciado da proposta de trabalho pela turma, foi então apresentado e explicado todas as fases do projeto, de forma a esclarecer quaisquer as dúvidas. A reação dos alunos à visita de estudo no ferro velho foi positiva, já o uso de eletrotecnia gerou alguma inquietação.

Procedeu-se à apresentação de forma expositiva com recurso ao *PowerPoint*, da história das máscaras no mundo, seus significados e origens. Os alunos mostraram interesse e curiosidade pela informação dada, o que gerou algum debate sobre a

temática. De seguida, foram apresentados os tipos de materiais existentes, a sua classificação e a sua origem, tal como as suas potencialidades de reciclagem. No final foram mostrados exemplos de máscaras criadas de diversos materiais reciclados, que gerou comentários enquanto debatavam ideias.

Foi entregue um questionário de introspeção para preencherem, de acordo com o seu autoconhecimento, o que gerou algumas dúvidas e indecisões. A maior dificuldade foi no tipo de perguntas “O que te faz feliz?” e “Indica 3 características emocionais”, uma vez que os alunos perceberam que não conheciam o suficiente de si mesmos, foi sugerido que partilhassem essas questões uns com os outros, para conseguirem chegar a conclusões.

Depois do questionário preenchido, foi solicitado aos alunos, para utilizassem essa informação como plataforma de conhecimento para a criação de uma máscara que os representasse. Enquanto os alunos esboçavam algumas ideias (Figuras 27 a 30), foram abordados alguns conceitos relativos às proporções faciais corretas. No decorrer da aula apercebemos que esses conteúdos sobre a proporcionalidade do rosto não tinham ficado consolidados, tendo sido tomada a decisão no final da aula de proceder a uma revisão e esclarecimentos na aula seguinte.

Com a aula terminada, foi solicitado aos alunos para trazerem o material, para a construção das estruturas das máscaras, foi então dada a autorização de saída.



Figura 28- Esboços a grafite dos alunos

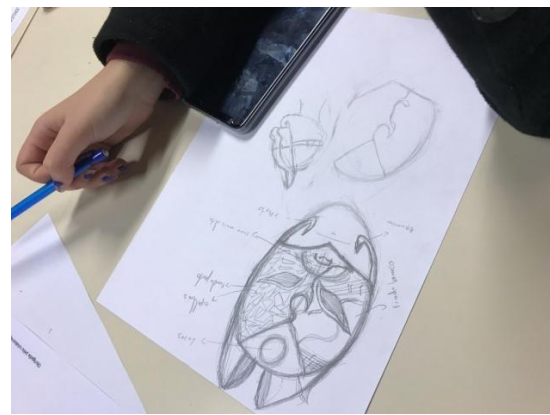


Figura 27- Esboços a grafite dos alunos

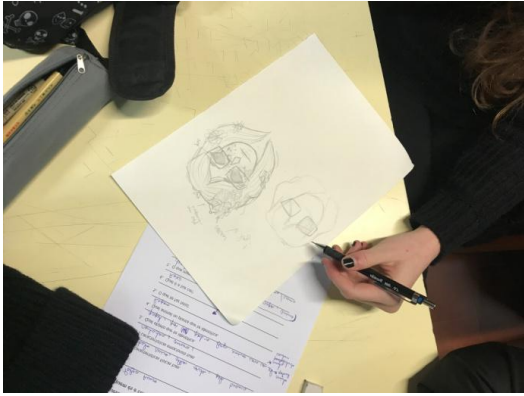


Figura 30- Esboços a grafite dos alunos



Figura 29- Esboços a grafite dos alunos

Dia 10 de Janeiro de 2020	11H55
Turma 12ºD	Sala B43
Oficina de Artes	Sexta-feira
Relatório de aula	

Os alunos entraram na sala, foi dado pela falta de metade da turma, que os restantes prontamente responderam que os que faltavam estavam doentes em casa.

A aula deu início e foi feita uma revisão aos alunos sobre proporções faciais, conteúdos abordados, também, nas aulas de Desenho. Os esboços procederam até ao fim dos primeiros 45 min.

Na segunda parte da aula, alguns alunos terminaram os esboços e autonomamente iniciaram a criação da estrutura da máscara (Figura 31 e 32). No geral a turma é bastante autónoma à exceção do aluno LS, que depende constantemente do apoio e iniciativa do colega MC.

Apercebeu-se que alguns alunos, apesar de autónomos, tiveram dificuldades ao nível das ideias e da criatividade, tendo sido sugerido que realizassem pesquisas sobre a temática no sentido de obterem mais informação.

Um pouco antes do final da aula os alunos arrumaram e limparam a sala, saindo um grupo de cada vez à medida que terminavam.

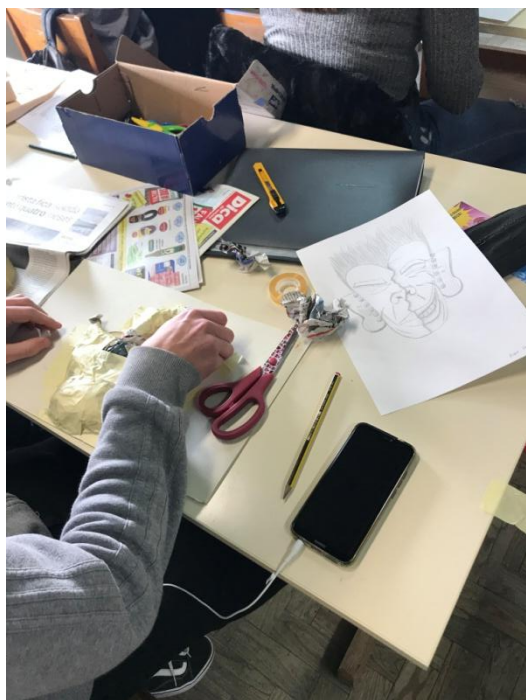


Figura 31- Trabalhos em execução



Figura 32- Trabalhos em execução

Dia 14 de Janeiro de 2020	10H55
Turma 12ºD	Sala B43
Oficina de Artes	Terça-feira
Relatório de aula	

Os alunos entraram na sala entusiasmados com a presença do professor convidado Carlos Vieira. No começo da aula foi apresentado o professor convidado e explicado a sua presença nos primeiros 45 min da aula.

A aula expositiva sobre eletrotécnia decorreu sem perturbações, com os alunos interessados e prontos a apresentar qualquer dúvida que tivessem.

No segundo tempo, os alunos começaram a organizar-se para dar continuidade à construção das estruturas, exceto dois alunos que haviam faltado nas primeiras aulas, foram reunidos e explicado o projeto e as suas fases, incluído os questionários de introspeção, no decorrer da aula avançaram nos esboços e pesquisa.

Os alunos autonomamente criaram 3 grupos de trabalho para economizarem os materiais usados e facilitarem a limpeza: Grupo 1 com DR, SR, MB e RG; Grupo 2 com MC e LS e Grupo 3 com JA, LC, BP e JC. Houve 5 alunos que não formaram grupo de trabalho, apesar de se terem mantido nos lugares próximos a outros grupos como CC, RP, RM, CF e JO.

O Grupo 3 (Figura 35) acabou por estar a observar, através do Grupo 2 (Figura 34) como construir moldes de máscaras com balões, cola branca e papel, não tardou para que o Grupo 1 (Figura 36) se juntasse a eles. Os restantes alunos inventaram outras formas de resolver o problema, o JO e RM trabalharam esferovite, sendo avisados que a técnica seria morosa, a CC interessou-se pelo plástico, a CF pensou em criar o molde em gesso e o RP optou por moldar papel e prender com fita-cola de pintor.

No final da aula foi solicitado aos alunos para entregarem as autorizações da visita de estudo e foram dadas indicações e informações sobre a visita, a decorrer na aula seguinte, bem como o local de encontro e horas, o percurso a realizar, comportamentos e cuidados a ter numa visita de estudo a um ferro velho. Sendo assim, foi solicitado que limpassem as mesas e arrumassem tudo, criou-se um espaço numa das bancadas de trabalho para guardarem os projetos, só então foram autorizados a sair da sala.



Figura 36- Grupo 1 a trabalhar na construção da estrutura das máscaras



Figura 35- Grupo 3 a trabalhar na construção da estrutura das máscaras



Figura 33- Construção da estrutura da máscara



Figura 34- Grupo 2 a trabalhar na construção da estrutura das máscaras

Dia 17 de Janeiro de 2020	11H55
Turma 12ºD	Sala B43
Oficina de Artes	Sexta-feira
Relatório de aula	

Na hora marcada, à entrada da escola estavam os alunos à espera, então avançaram em conjunto para a paragem de autocarro próximo da estrada nacional, que fica cerca de 3 min a pé da escola. A excitação de andarem todos juntos de autocarro era notória, a viagem foi agradável e descontraída, à saída de autocarro os alunos juntaram-se e seguiu-se a pé na direção do ferro velho com os alunos sempre bem-dispostos e cheios de energia.

À entrada do ferro velho os alunos foram reunidos e foram distribuídas máscaras e luvas de proteção individual para usarem sempre que estivessem no interior das instalações. Foram dadas algumas recomendações e explicações sobre alguns dos processos de reciclagem dos materiais, tendo sido, também, solicitado aos alunos que tivessem cuidado no manuseamento dos materiais e na circulação dentro do ferro velho.

Os alunos passaram por sacos de recolha ordeiramente e foram avisados que cada aluno podia levar até duas peças. Um trabalhador explicou o processo de reciclagem do cobre o deteve a atenção de todos os presentes. Depois de todos terem escolhido os materiais, foi solicitado aos alunos de reagrupassem fora das instalações para guardar as peças dentro de sacos e retirar as máscaras e luvas (Figura 37 e 38).

Retornamos à escola com os sacos e os alunos foram dispensados de seguida.



Figura 38- Visita ao ferro velho



Figura 37- Visita ao ferro velho

Dia 21 de Janeiro de 2020	10H55
Turma 12ºD	Sala B43
Oficina de Artes	Terça-feira
Relatório de aula	

A aula começou com os alunos interessados nos trabalhos realizados anteriormente. Os moldes estavam secos, mas ainda estavam moles e frágeis, em alguns casos bastaria acrescentar mais camadas. Os alunos que estavam a trabalhar esferovite continuaram a trabalhar. A construção dos moldes continuou, após uma revisão por parte dos alunos ao seu trabalho inicial, pois a visita ao ferro velho gerou ideias novas.

O aluno CF, que no período escolar anterior ia às aulas dia sim, dia não, ainda não tinha faltado desde o início do projeto, parecia interessado no trabalho e empenhado.

Os alunos enquanto esperam pela secagem dos moldes, começam a tratar de outros aspetos da construção das máscaras como a decoração e a eletrotecnia.

O ambiente na sala tem sido sempre agradável e descontraído, os trabalhos vão avançando com acompanhamento e quando necessário são esclarecidas dúvidas e dadas sugestões de melhoramento.

Por fim, foi solicitado aos alunos que arrumassem e limpassem a sala tal como a encontraram, só depois começaram a sair.

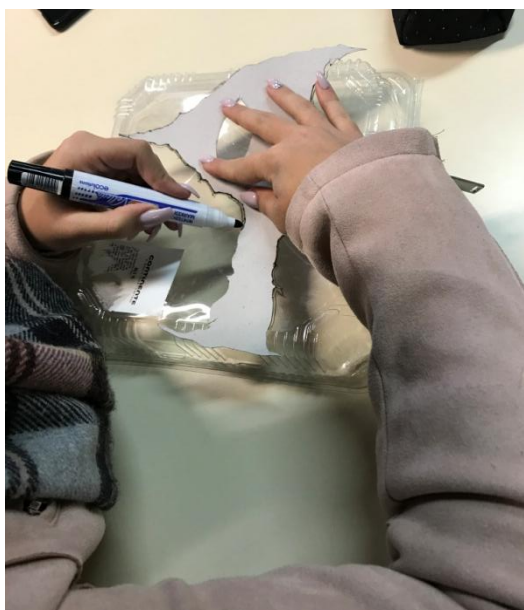


Figura 39- Trabalho em execução



Figura 40- Trabalho em execução

Dia 24 de Janeiro de 2020	11H55
Turma 12ºD	Sala B43
Oficina de Artes	Sexta-feira
Relatório de aula	

A aula começou da mesma forma, com os alunos a verificarem os seus trabalhos e a retirarem-nos da bancada, antes mesmo de tirarem as malas das costas. Numa primeira análise aos trabalhos de cada aluno, reparou-se que o esferovite do molde do RM começa a ficar fino de mais e é discutida a possibilidade de usar outro material ou uma mistura de dois.

Com alguns moldes acabados, os alunos começam a dar a forma pretendida, enquanto outros tratam da decoração.

A aula continuou com um ambiente tranquilo e a ocasional conversa entre os grupos, outros alunos optam por ouvir música com auscultadores.

No final da aula, o JO e RM pediram para levar o trabalho para casa de forma a acabar o molde, foi concebida autorização visto serem os mais atrasados. Os alunos arrumaram as máscaras e os acabamentos na bancada de trabalho do fundo da sala e limparam as mesas e chão, saindo da sala conforme iam acabando.



Figura 41- Trabalho em execução



Figura 42- Trabalho em execução

Dia 28 de Janeiro de 2020	10H55
Turma 12ºD	Sala B43
Oficina de Artes	Terça-feira
Relatório de aula	

Assim que os alunos entraram na sala o JO comunicou que o seu trabalho de esferovite, que tinha sido levado para casa, foi parar ao lixo por acidente e para compensar o tempo perdido, começou outro molde em casa, à base de papel e fita-cola de alumínio.

Como CC estava a construir a máscara em plástico, reuniu-se CC com LS e MC que estavam a fazer flores de papel e não estava a correr bem, optando por alterar o material para plástico, utilizando o processo de moldar plástico através do calor com um isqueiro.

DR e MB acabaram de dar formato e começam então os acabamentos, enquanto MB dedicou-se a limpar as peças que tinha trazido do ferro velho, DR usou arame para criar elementos decorativos para a máscara.

Apenas RM contínua com esferovite, já o RF bastante avançado usou o molde feito de papel e fita-cola de pintor para retirar uma impressão positiva com papel absorvente e cola branca. CF usou papel *maché* pré-preparado para dar expressividade na máscara, enquanto JO passou a aula a reforçar o molde feito em casa. O aluno RG desenvolveu pouco o trabalho, apesar de ser calado e sossegado ainda não tinha terminado o molde.

A turma, no geral, foi trabalhadora e colaborativa entre os alunos, estando sempre dispostos a entreatuar-se.



Figura 43- Trabalho em execução



Figura 44- Trabalho em execução

Dia 31 de Janeiro de 2020	11H55
Turma 12ºD	Sala B43
Oficina de Artes	Sexta-feira
Relatório de aula	

Após a ronda inicial constatou-se que os Grupos 1 e 3 já tinham dado forma às máscaras faltando uma camada de cola branca e papel absorvente. Apenas SR que tinha estado a faltar às aulas por motivo de doença estava mais atrasado e o JO continua a reforçar o molde, mas o tempo de secagem não estava a seu favor, tendo sido sugerido, por diversas vezes, que tentasse outro material que não necessitasse de tanto tempo de secagem.

Não estando a gostar de flores de plástico a MC e LS trouxeram tecidos para tentar construir flores. O RG depois da última aula ponderou sobre a conversa e pesquisou materiais, trazendo para a aula madeira e arame já com imensas ideias.

O Grupo 3 passou a aula a construir elementos decorativos para as suas máscaras, enquanto as mesmas secavam.

Os alunos guardaram tudo no final da aula e limparam a sala, foram saindo quando terminavam.



Figura 46- Trabalhos em execução



Figura 45- Pormenor de decoração

Dia 7 de Fevereiro de 2020	11H55
Turma 12ºD	Sala B43
Oficina de Artes	Sexta-feira
Relatório de aula	

No início da aula, como sempre, os alunos foram buscar os seus trabalhos e começaram a trabalhar prontamente. Os trabalhos, de um modo geral, estavam na mesma fase e mesmo assim foi mencionado a data de entrega dos trabalhos para apreçar a turma, o que trouxe ritmo de trabalho para muitos alunos.

SR voltou às aulas e estava mais atrasado, mas depois de uma conversa e troca de ideias, rapidamente se integrou e no final da aula já se encontrava na mesma fase que a maioria.

No final da aula já todos os alunos tinham começado a pintar as suas máscaras.



Figura 48- Máscaras a serem pintadas

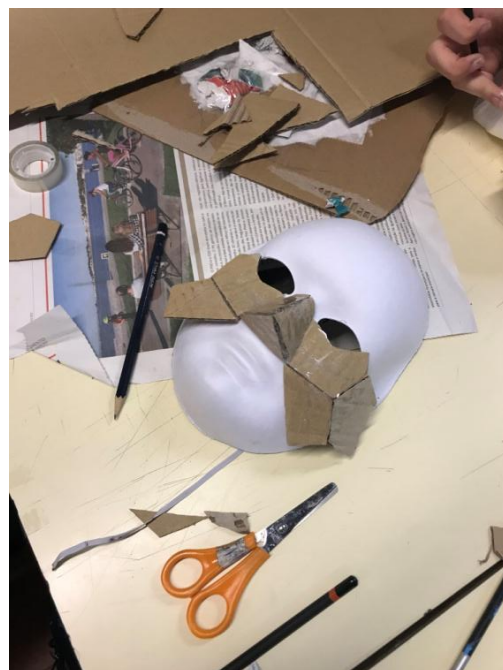


Figura 47- Trabalhos em execução

Dia 11 de Fevereiro de 2020	10H55
Turma 12ºD	Sala B43
Oficina de Artes	Terça-feira
Relatório de aula	

Antes da aula começar, foi solicitado pela associação de estudantes que os alunos fizessem flores para vender no dia dos namorados, a proposta foi aceite, na condição de que apenas os mais adiantados no trabalho poderiam fazer flores.

Nesta aula todos alunos deram os retoques nas pinturas, menos o RM que continuava a dar forma, esculpiu o lugar dos olhos e da boca (Figura 50).

LS continua a não avançar no trabalho sozinho, precisa constantemente do apoio do colega MC, mesmo depois questionarmos se precisava de apoio da professora, o aluno apenas encolhe os ombros e responde que não.

No final da aula foi-lhes comunicado que na próxima aula, como seria dia dos namorados e a pedido da associação de estudantes, os alunos mais avançados no trabalho fariam flores de papel para serem vendidas pela escola. Todos se mostraram interessados e partilharam ideias uns com os outros.



Figura 49- Máscara a ser pintada



Figura 50- Trabalhos em execução

Dia 14 de Fevereiro de 2020	11H55
Turma 12ºD	Sala B43
Oficina de Artes	Sexta-feira
Relatório de aula	

No começo da aula, tal como mencionado na aula anterior, alguns alunos estiveram a fazer flores de papel para serem vendidas pela escola (Figura 53). Os outros alunos aproveitaram para avançar nos seus trabalhos, desta forma todos estavam na mesma fase de trabalho, onde faltava pormenores na pintura, criar uma forma de segurar a mascara na cara e incorporar elementos de eletrotecnicia na mesma.



Figura 52- Trabalhos em execução



Figura 51 - Alunos a fazer flores



Figura 53- Trabalhos em execução

Dia 18 de Fevereiro de 2020	10H55
Turma 12ºD	Sala B43
Oficina de Artes	Terça-feira
Relatório de aula	

A aula começou com algumas dúvidas e indecisões em relação ao modo de como a máscara se seguraria na cara, mas depois de ser pedido aos alunos que usassem o telemóvel para pesquisar formas de segurar máscaras, acabaram por arranjar algumas soluções (Figura 56).

O RM e LS ainda estavam a terminar de pintar as máscaras (Figuras 55 e 54). Foi lembrado que todos os alunos tinham de entregar na aula seguinte, juntamente com as máscaras, uma memória descritiva onde descreviam o projeto, o modo de como o trabalho tinha sido realizado, os materiais e técnicas utilizadas, o que tinham gostado mais e o que correu menos bem.



Figura 56- Máscaras concluídas

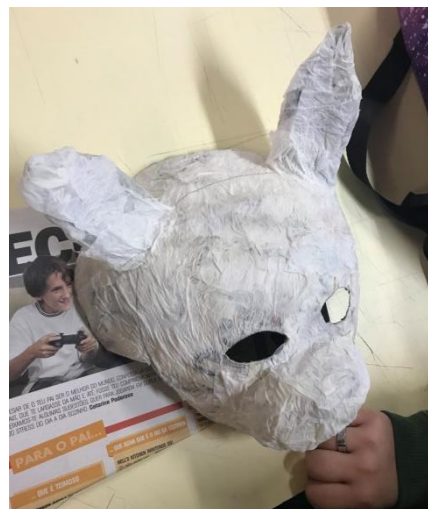


Figura 55- Trabalho em execução



Figura 54- Trabalho em execução

Dia 21 de Fevereiro de 2020	11H55
Turma 12ºD	Sala B43
Oficina de Artes	Sexta-feira
Relatório de aula	

No início da última aula todos os alunos se apreçaram-se a ir buscar os seus trabalhos, estavam todos acabados e os alunos muito orgulhosos. Na primeira parte da aula alguns alunos estiveram a acabar as suas memórias descritivas e a reunir os esboços para serem entregues juntos.

Na segunda parte da aula, os alunos vieram um de cada vez à frente da sala com a sua máscara e apresentaram o seu trabalho à turma.

Foi apresentado um resumo do projeto e da prestação dos alunos, no decorrer do mesmo, onde os alunos tiveram oportunidade de realizar comentários autocríticos, por parte dos alunos, que poderiam ter feito isto ou aquilo de diferente. Foi também anunciado que seria enviado para o mail um inquérito sobre a unidade didática.





Figura 57- Trabalhos concluídos

5. ANÁLISE DE RESULTADOS

Este capítulo tem como objetivo analisar os resultados da Unidade Didática, quer nas aprendizagens dos alunos, quer na avaliação do projeto.

5.1 Critérios de avaliação

Os critérios de avaliação propostos e os respetivos pesos aplicados são espelho das indicações definidas pelo Departamento de Artes da Escola Secundária Manuel Cargaleiro para a disciplina de Oficina de Artes. A avaliação foi realizada de acordo com os parâmetros das Aprendizagens Essenciais (Aprendizagens Essenciais, 2018) em articulação com o perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória (Martins, et al., 2017).

DOMÍNIO DE APROPRIAÇÃO E REFLEXÃO

Informação e comunicação.....	0,5 Valores
Raciocínio e resolução de problemas.....	1,5 Valores
Pensamento crítico e pensamento criativo.....	1,5 Valores
Sensibilidade estética e artística.....	0,5 Valores
	4 Valores

DOMÍNIO DE INTERPRETAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Adequação dos materiais.....	3 Valores
Raciocínio e resolução de problemas.....	2 Valores
Pensamento crítico e pensamento criativo.....	2 Valores
	7 Valores

DOMÍNIO DE EXPERIMENTAÇÃO E CRIAÇÃO

Linguagens e textos.....	1 Valor
Desenvolvimento pessoal e autonomia.....	2 Valores
Sensibilidade estética e artística.....	3 Valores
Saber científico, técnico e tecnológico.....	3 Valores
	9 Valores

Total – 20 Valores

Pretende-se com esta Unidade Didática que o aluno apreenda um conjunto de conhecimentos, capacidades e atitudes (Aprendizagens Essenciais , 2018), como:

- Compreender as características da linguagem das artes visuais em diferentes contextos culturais;
- Compreender o desenho como forma de pensamento comunicação e criação nas variadas áreas de produção artística, tecnológica e científica;
- Dominar o desenho como forma de pensamento e comunicação;
- Comunicar, utilizando discursos multimodais recorrendo a técnicas variadas;
- Transformar os conhecimentos adquiridos nos seus trabalhos de um modo pessoal;
- Romper limites para imaginar novas soluções;
- Experimentar materiais, técnicas e suportes com persistência;
- Concretizar projetos artísticos temáticos individuais e de grupo partindo do desenho.

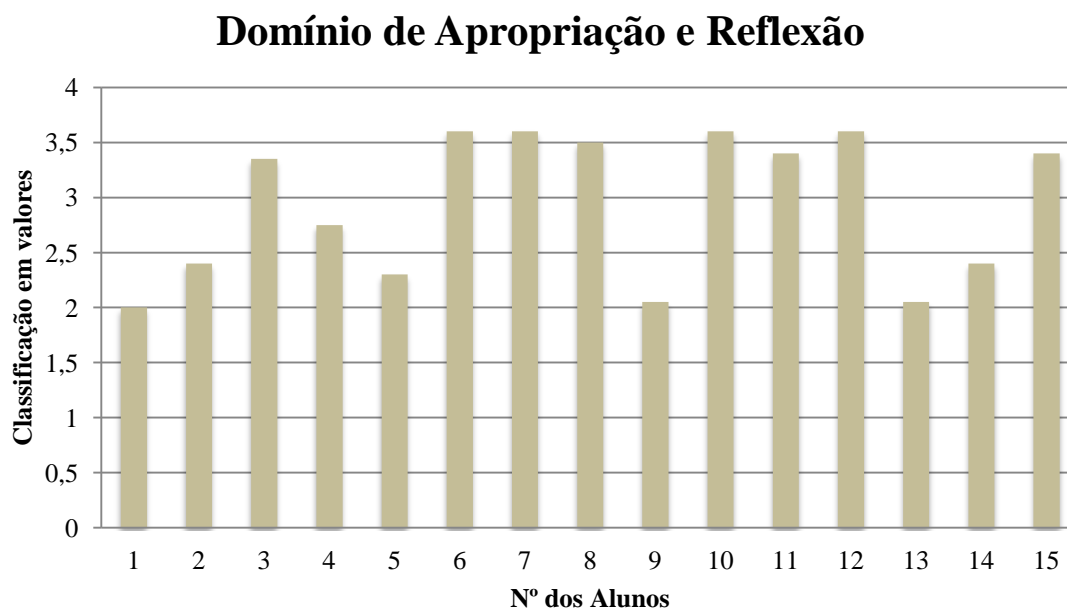
5.2 Instrumentos de avaliação

A avaliação das aprendizagens dos alunos incidiu sobre a observação direta em sala de aula com recurso a grelha de observação (Anexo H) do trabalho realizado, incluindo os valores e atitudes demonstrados no decorrer da Unidade Didática. Outro instrumento de avaliação utilizado foi a reflexão crítica realizada pelos alunos, através da memória descritiva.

5.3 Resultados da turma

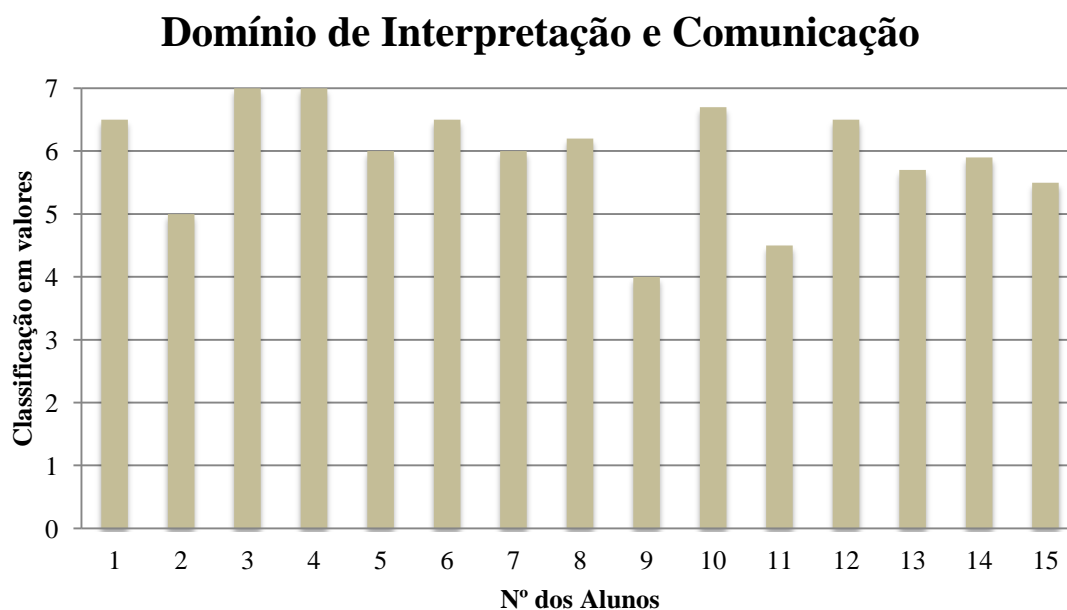
Seguidamente apresenta-se a avaliação da turma conduzida a partir dos critérios de avaliação, anteriormente anunciados, dividida por domínios de *Apropriação e Reflexão, Interpretação e Comunicação e Experimentação e Criação*, referidos nas Aprendizagens Essenciais, 2018.

Gráfico 2- Classificação dos alunos no domínio de Apropriação e Reflexão



No Gráfico 2, são apresentadas as classificações dos alunos em valores, no domínio de *Apropriação e Reflexão*, onde é possível constatar que todos os alunos obtiveram valores acima ou na média, atribuídos a este domínio pelos critérios de avaliação. A turma obteve uma média de 68,75%, sendo esta uma média bastante positiva.

Gráfico 3- Classificação dos alunos no domínio de Interpretação e Comunicação



No domínio de *Interpretação e Comunicação*, a turma teve uma média de 79,43%, que se traduz num valor elevado para a média de turma. A classificação mais baixa obtida neste domínio foi de 4 valores e as duas mais altas foram de 7 valores (Gráfico 3), sendo este último o valor máximo.

Gráfico 4- Classificação dos alunos no domínio de Experimentação e Criação



A classificação mais baixa obtida no domínio de Experimentação e Criação foi de 5 valores e a mais alta de 8,2 valores, enquanto a classificação mais frequente foi de 7,7 valores. A média geral da turma foi de 73,67%, refletindo uma média muito boa (Gráfico 4).

De um modo geral, a turma obteve muito boas classificações e propostas interessantes, tendo sido uma turma bastante receptiva à Unidade Didática, a média de classificação final da turma foi 74,7%, que se traduz em 14,94 valores.

Todos os alunos entregaram os trabalhos de forma completa, à exceção de um aluno que, conforme mencionado anteriormente, não esteve presente desde o início da Unidade Didática, tendo havido várias tentativas de contacto com o aluno em questão de forma a agilizar exercícios para compensar as aulas perdidas, mas sempre sem sucesso.

Tendo em conta o questionário inicial sobre o autoconhecimento (Anexo E), os alunos referiram que preferiam o quarto, como o espaço em casa, onde se sentiam mais confortáveis, que pode ser associado como o espaço em casa onde os alunos são os

únicos intervenientes, desde a decoração à disposição da mobília e ao facto de ser um espaço de sossego onde não são incomodados.

Na questão “O que mais gostas de fazer?” as respostas foram todas relacionadas com música, tal como na questão “Qual o objeto que te identifica?”, quase todos os alunos responderam que se identificam com “fones” ou “espelhos”, são objetos próprios da adolescência, o motivo pode estar relacionado com o facto dos jovens se centrarem no próprio mundo, do isolamento proporcionado pelos fones e pela liberdade de escolha relativamente aos interesses individuais da música. O espelho pode ser interpretado como objeto que se usa na construção de máscaras sociais, já anteriormente mencionadas, que são feitas para a aceitação social de normalização ou revolta, através maquilhagens, estilos de roupa ou atitudes (Pais, 2008).

Quando nos questionários (Anexo E) é solicitado que os alunos selecionem “3 características emocionais”, existiu muita indecisão por parte dos alunos, pois apenas mencionavam características negativas e quando o faziam, riam-se e encolhiam os ombros, como sinal de que eram apenas essas que se lembravam.

As máscaras transbordaram referências mencionadas nos questionários, como os seguintes exemplos:

Respostas dos Questionários	Fotos de Máscaras
<ul style="list-style-type: none">- Orelhas grandes- Nariz grande- Olhos rasgados- Guitarra- Macaco- Convívio	

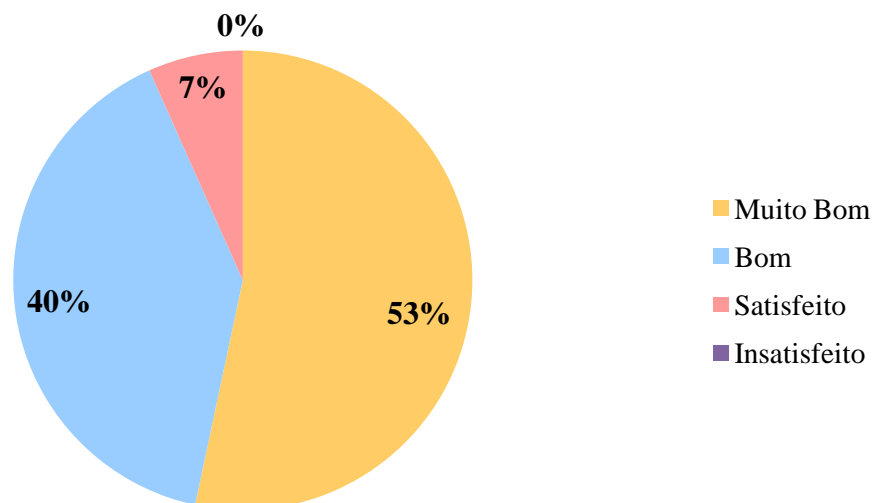
- Simpática
- Negativa (Sendo o preto a cor associada)
- Gato
- Ouvir música
- Música



5.4 Avaliação do projeto

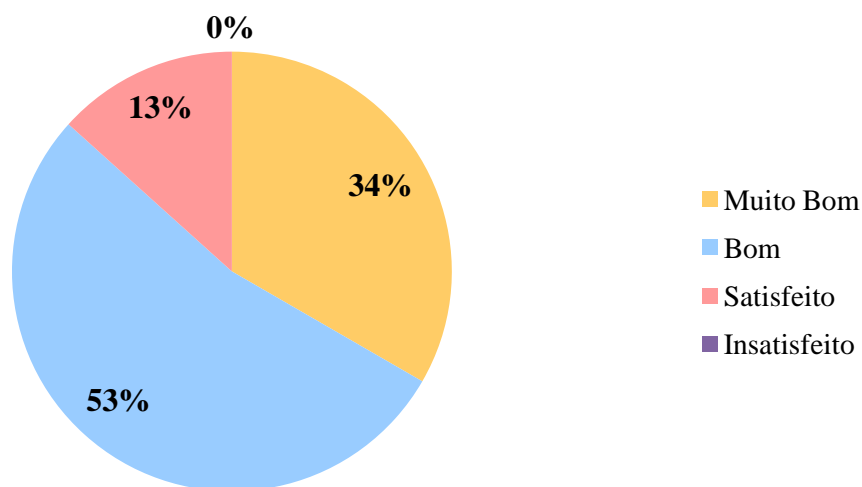
No final da Unidade Didática foi solicitado aos alunos que preenchessem um inquérito com oito perguntas sobre o decorrer da unidade de trabalho. O inquérito centrou-se em três temas: na opinião dos alunos em relação à Unidade Didática, na relevância dos documentos de apoio e no desempenho da professora. As respostas eram do tipo fechadas e os alunos deviam indicar para cada questão o seu grau de satisfação, entre Insatisfeito, Satisfeito, Bom e Muito Bom.

1- Interesse pela unidade de trabalho realizada.



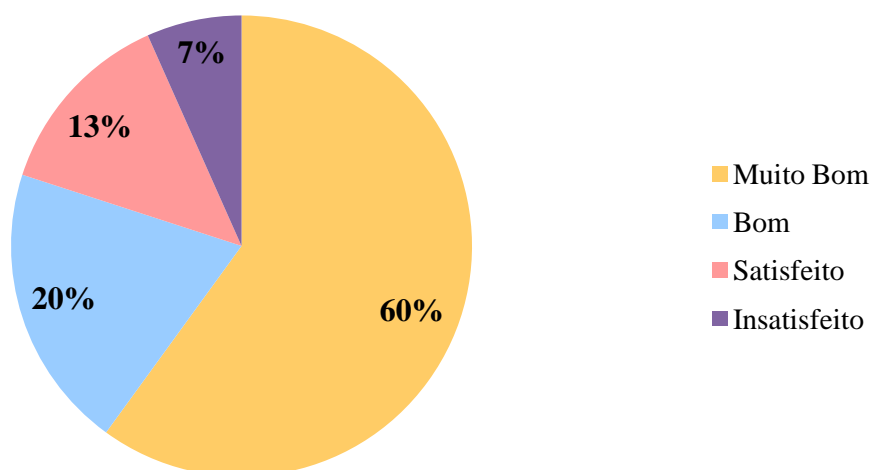
Verifica-se que mais de metade da turma escolheu o “Muito Bom” no interesse pela unidade de trabalho e ninguém se sentiu Insatisfeito.

2- Contribuição da unidade de trabalho para o aumento de competências e conhecimentos.



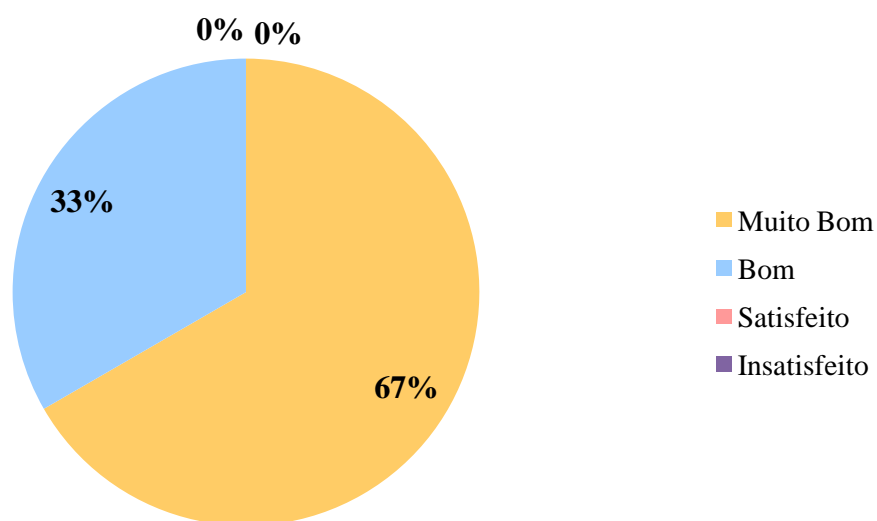
No geral os alunos consideraram que a unidade de trabalho contribuiu para um aumento de competências e conhecimentos.

3- Tempo cedido para a concretização do trabalho.



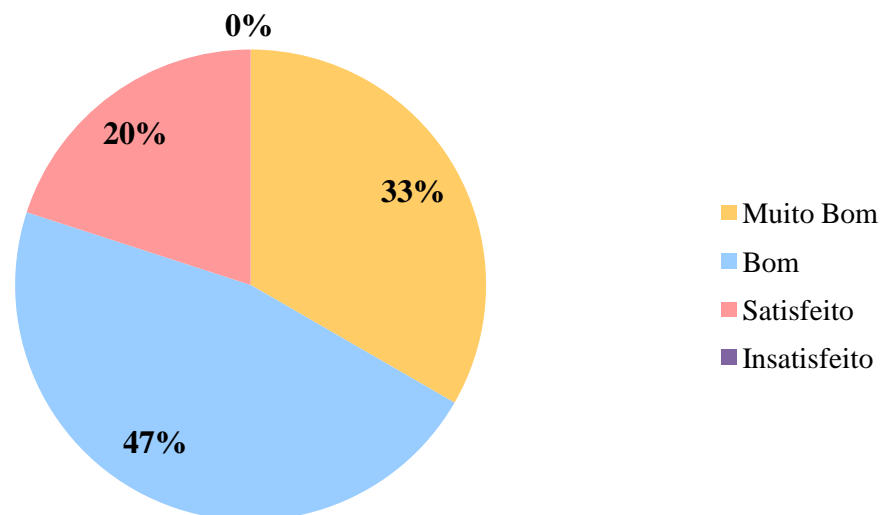
Verifica-se que 60% dos alunos considerou o tempo cedido suficiente para a concretização do trabalho, apenas 7% não ficaram satisfeitos.

4- Qualidade do material didático utilizado.



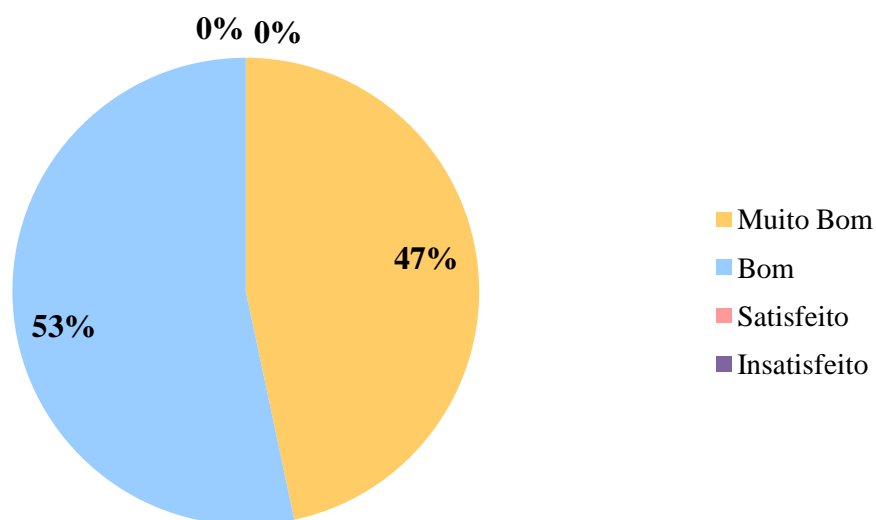
Verifica-se que 100% dos alunos considerou como “Bom” e “Muito Bom” o material didático usado durante a unidade de trabalho.

5- Qualidade do trabalho resultante.



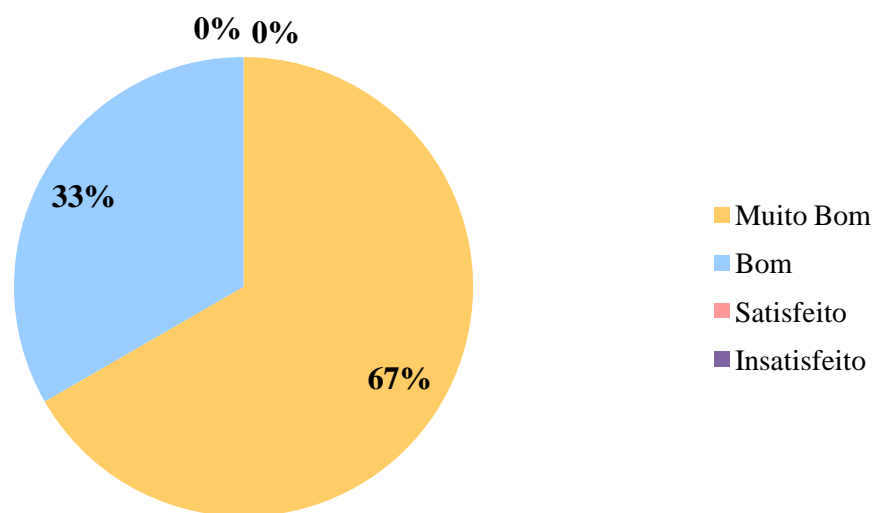
Verifica-se que nenhum aluno ficou Insatisfeito com a qualidade do seu trabalho, sendo que 80% classificou com “Bom” e “Muito Bom”.

6- Domínio dos conteúdos abordados por parte da professora.



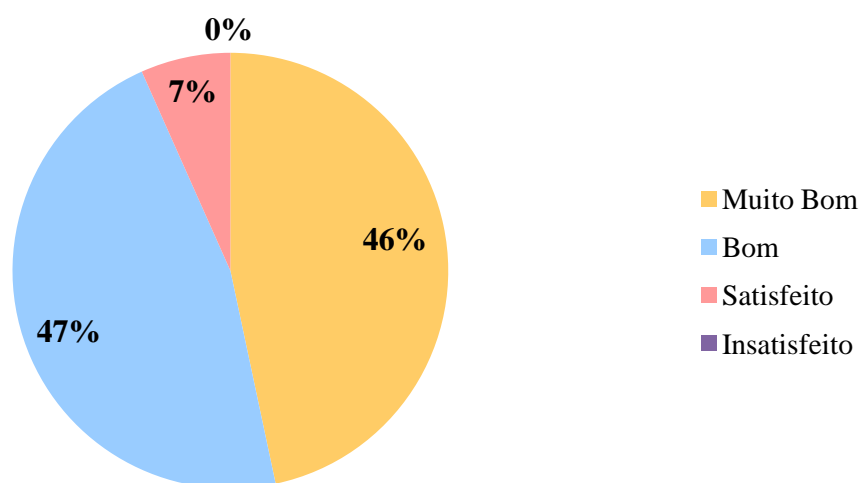
Todos os alunos consideraram que a professora dominava os conteúdos abordados.

7- Esclarecimento de dúvidas.



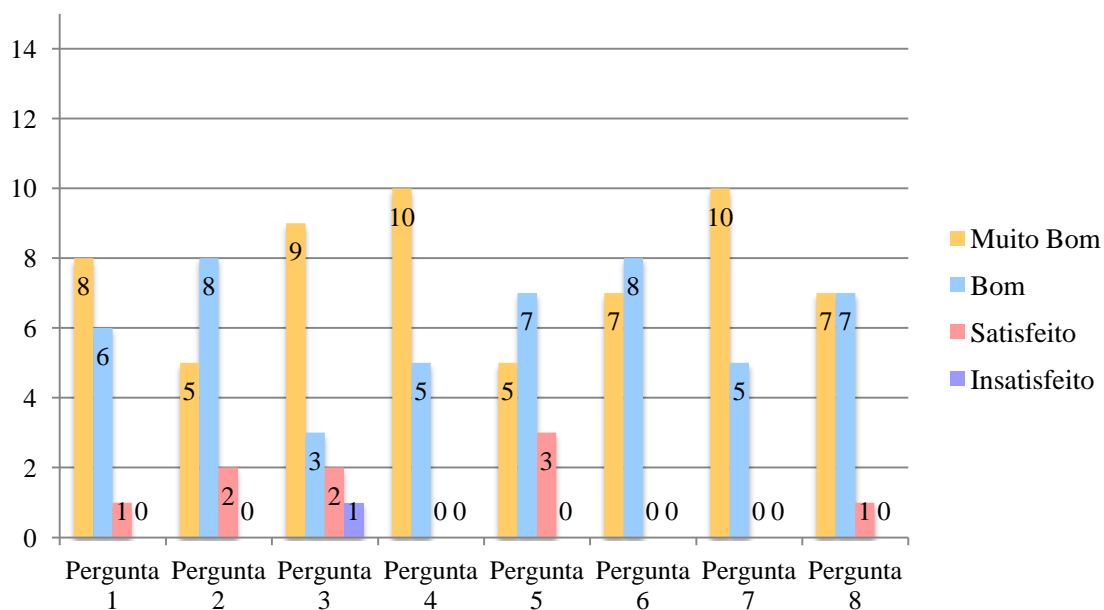
Verificou-se que 67% dos alunos consideraram o esclarecimento de dúvidas “Muito Bom” e 33% afirmaram que foi “Bom”. Nenhum aluno sentiu-se “Insatisfeito” com o esclarecimento de dúvidas.

8- Clareza nas exposições teóricas.



Verificou-se que 93% dos alunos consideraram que a professora foi clara nas exposições teóricas, enquanto nenhum aluno sentiu-se “Insatisfeito”.

Gráfico 5- Respostas ao inquérito de avaliação da Unidade Didática



Considerando a amostra utilizada, tendo um total de 15 alunos, todas as perguntas tiveram como maioria respostas positivas, apenas a pergunta “Tempo cedido para a concretização do trabalho” obteve uma resposta negativa. As perguntas com maior cotação foram “Qualidade do material didático utilizado” e “Esclarecimento de dúvidas”.

6. CONCLUSÃO

6.1 Resumo

O presente relatório da Prática de Ensino Supervisionada, desenvolvido em cinco capítulos distintos documenta todo o processo de conceção, implementação e avaliação de uma Unidade Didática dirigida a uma turma do Ensino Secundário no âmbito da disciplina de Oficina de Artes do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais do 12.º ano de escolaridade.

A Parte I engloba um enquadramento teórico do estudo, onde no primeiro capítulo foi apresentada *uma Caracterização do contexto escolar*, com o objetivo de conhecer e perceber melhor o meio geográfico, social e escolar que compreendeu a Unidade Didática. Nela se identificaram a realidade demográfica do Fogueteiro e da Escola Secundária Manuel Cargaleiro, como também a sua história, patrono, instalações, oferta educativa, projetos e população escolar, entendendo desta forma quais os seus valores, objetivos, missão e princípios orientadores presentes no contexto educativo, onde a prática foi implementada.

O segundo capítulo destinou-se a uma explicação sobre o *Desenvolvimento, aprendizagem e a sociologia dos jovens*. Foi preciso entender primeiramente o *Perfil dos alunos para o século XXI*, pois é necessário criar condições de equilíbrio entre o conhecimento, a compreensão, a criatividade e o sentido crítico, deste modo respeitando o Programa de Oficina de Artes e desenvolvendo as áreas de competências previstas no *Perfil dos Alunos à saída da Escolaridade Obrigatória*. A partir do *Desenvolvimento pessoal, psicossocial e moral*, foi possível perspetivar um entendimento em relação aos comportamentos da fase de desenvolvimento em que os alunos na investigação se encontram. Foram também abordadas várias *Teorias de Aprendizagem*, que tentam explicar como os indivíduos aprendem, como funciona o seu desenvolvimento mental e qual a estrutura do seu modelo de conhecimento. Devido à faixa etária dos participantes desta investigação foi necessário um enquadramento da cultura juvenil juntamente com uma das temáticas deste relatório que são as máscaras sociais, onde se apresenta a problemática juvenil e as situações daí causadas, o uso de “máscaras” e o seu significado. Desse modo, estuda-se *O método de introspeção de Wundt e o autoconhecimento*, que como exercício de autoconhecimento serve para o indivíduo se redescobrir e ponderar as causas e efeitos por si criados.

O terceiro capítulo apresenta os conteúdos teóricos implícitos à prática implementada. Nesse sentido começou-se por realizar uma contextualização histórica das máscaras e o significado do seu uso pelo mundo. Nas *Proporções Faciais*, abordou-se um contexto histórico das mesmas e os cânones existentes para o desenho aproximado de uma cabeça, de forma a facilitar o esboço necessário referente à Unidade Didática. Foi também incluído a *Tecnologia e reciclagem dos materiais*, de modo a existir um entendimento relativo à sua constituição, uso e capacidade de reciclagem. A Eletrotécnica foi analisada superficialmente pois pretendia capacitar os participantes de noções básicas de energia existente no mundo e o seu uso. Por fim, *As cores e a sua simbologia*, compreendeu uma abordagem às cores como tradução de sentimentos e vontades, que se entende na escolha de uma cor num determinado momento e ocasião.

Os dois últimos capítulos do relatório, correspondem ao relato e análise da fase experimental da investigação, o modo como se concretizou, através da caracterização da turma e sala de aula, para melhor entendimento dos participantes e recursos disponíveis. Em seguida, abordou-se o tema da unidade de trabalho e procedeu-se à sua planificação, através da construção de uma grelha, contendo, as atividades, os conteúdos, os objetivos, os recursos e a duração do decorrer da implementação. Realizou-se um relatório ilustrativo de cada aula, com base na grelha de observação de aula, no diário de campo e nas fotografias captadas no decorrer das mesmas. Esses dados recolhidos servem por sua vez para analisar e interpretar comportamentos e conhecimentos dos participantes, com base em critérios definidos pelo departamento de Artes Visuais da Escola Secundária Manuel Cargaleiro, para a disciplina de Oficina de Artes. Por fim, analisou-se os resultados da turma ao nível da avaliação de aprendizagens e avaliou-se a Unidade Didática através de inquéritos distribuídos à turma, de acordo com os objetivos pedagógicos do estudo.

6.2 Conclusões Finais

A Unidade Didática teve como foco, capacitar os alunos para o conhecimento dos diversificados materiais, percebendo como os reutilizar e reciclar, reconhecendo as propriedades físicas nos suportes como fatores determinantes para a construção da obra plástica. Deste modo, criar uma relação entre o “eu” interior e o processo criativo, como

local de cruzamento entre condicionantes físicas e conceptuais com o objetivo de desenvolver capacidades de análise no modo de criar o objeto artístico.

Observou-se, por parte dos alunos, uma capacidade de autorreflexão, relacionando a obra criada, com o questionário preenchido, usando corretamente e ponderadamente os materiais, suportes e instrumentos recicláveis.

Sendo desta forma, cumpridos os objetivos do programa de Oficina de Artes para o Módulo I – Área de Diagnóstico, nos dois últimos temas: Materiais, Suportes e Instrumentos e Técnicas de Expressão e Representação.

A unidade de trabalho foi implementada sem imprevistos significativos, os resultados da turma foram positivos, todos os alunos mantiveram ou subiram a nota em relação ao período letivo anterior. No decorrer da implementação do projeto, foi possível observar que os alunos, manifestaram interesse no trabalho proposto, superaram desafios autonomamente, cooperaram uns com os outros em espírito de entreajuda e reconheceram-se nos objetos artísticos criados.

6.3 Futuros Desenvolvimentos

A investigação realizada desenvolveu a construção de máscaras com materiais reciclados, através de um exercício de autoconhecimento, de modo a promover o processo criativo. Desta forma, numa futura investigação, pretende-se propor uma exposição refletiva sobre as características transversais das máscaras, na relação com os indivíduos envolvidos, incentivando a partilha e envolvimento com a comunidade escolar.

BIBLIOGRAFIA

- Abrandes, P. (2003). Identidades Juvenis e Dinâmica de Escolaridade. *SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS*, n.º 41 , pp. 93-115.
- Anjos, A. (s.d.). *A origem da máscara*. Obtido em 20 de 12 de 2019, de Obvious magazine: http://lounge.obviousmag.org/anna_anjos/2013/11/a-origem-da-mascara.html
- Aprendizagens Essenciais . (08 de 2018). *Oficina de Artes* . Republica Portuguesa Educação.
- Arias, A. V., Pérez, J. C., González-Pienda, J. A., & Cabanach, R. G. (2008). *Manual de Psicología de la Educación*. Ediciones Pirámide.
- Beck, D., & Boeira, A. P. (2007). *Tecnologia dos materiais*. Passo Fundo.
- Bidarra, M. d., & Festas, M. I. (2005). Construtivismo(s): Implicações e Interpretações Educativas. *Revista Portuguesa de Pedagogia* , pp. 177-195.
- Câmara Municipal do Seixal. (2001). *Documentos - Ação Social*. Obtido em 10 de 12 de 2018, de Site oficial da Câmara Municipal do Seixal: https://www.cm-seixal.pt/sites/default/files/documents/diagnostico_social_seixal_2013.pdf
- Camargos, C. N., Mendonça, C. A., & Duarte, S. M. (2009). Da Imagem Visual do Rosto Humano: simetria, textura e padrão. *Saúde Soc* , v. 18, pp. 395-410.
- Cargaleiro, E. S. (2018). *Plano anual de atividades de escola Ano letivo 2018/2019*.
- Cargaleiro, E. S. (2014). *Projeto Educativo de Escola 2014/2017*.
- Colunista Portal. (s.d.). *Teoria de Sigmund Freud acerca do Desenvolvimento Humano*. Obtido em 15 de 10 de 2020, de Portal Educação: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/teoria-de-sigmund-freud-acerca-do-desenvolvimento-humano/26809>
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação-ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia educação e cultura* , pp. 355-380.
- Cunha, S. S. (28 de 1 de 2019). O corpo, esplêndido mistério. *Visão Biografia Leonardo Da Vinci 500 anos de génio* , pp. 106-110.
- Escola Secundária Manuel Cargaleiro. (2018). *Escola Secundária Manuel Cargaleiro*. Obtido em 8 de 12 de 2018, de <https://www.esmcargaleiro.pt/esmc/>
- Ferreira, H. M. (2014). *Recuperação de Metais Provenientes de Resíduos*. Lisboa: Técnico de Lisboa.
- Ferreira, H., & Perdigão, T. *Máscaras em Portugal*. Lisboa: Mediatexto.

- Ferreira, H., Tiza, A. P., Calvo, B., Santamarinã, J. A., & Alves, O. *Máscara Ibérica* (Vol. I). Porto: Caixotim.
- Fundação Cargaleiro Castelo Branco. (s.d.). *Coleção*. Obtido em 8 de 12 de 2018, de Fundação Cargaleiro Castelo Branco: <http://www.fundacaomanuelcargaleiro.pt/colecao.aspx>
- Gonçalves, L., & Alírio, E. (15 de 11 de 2005). Programa de Oficina de Artes 12º ano. Ministério da Educação - Direção geral de inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Heller, E. (2012). *A psicologia das cores*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Inácio, M. (2007). *Manual do Formando "O Processo de Aprendizagem"*. Lisboa: DeltaConsultores e Perfil em Parceria.
- Jameson, K. (1982). *Desenhar*. Lisboa: Editorial Presença.
- Junior, J. C. (2013). *Obtenção, mercado e reciclagem de sucatas ferrosas na indústria siderúrgica brasileira*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Lauricella, M. (2016). *Anatomia Artística*. São Paulo: Gustavo Gili.
- Lopes, F. J., Souza, M. M., & Vieira, L. (2016). Máscaras Sociais: Uma Reflexão Sobre Os Recursos Que O Indivíduo Utiliza Para Proteger Sua Identidade No Contexto Organizacional. *Augusto Guzzo Revista Académica* , pp. 283-299.
- Martins, G. O., Gomes, C. S., Brocardo, J. L., Pedroso, J. V., Carrilho, J. L., Ucha, L. M., et al. (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Ministério da Educação.
- Massironi, M. (1983). *Ver pelo desenho*. Lisboa: Edições 70.
- Medlej, J. (9 de 4 de 2014). *Fundamentos de Anatomia Humana: Noções Básicas do Rosto*. Obtido em 27 de 12 de 2019, de Design.tuts +: <https://design.tutsplus.com/pt/tutorials/human-anatomy-fundamentals-basics-of-the-face--cms-20417>
- Método Introspectivo*. (2010). Obtido em 4 de 11 de 2020, de ABC da Psicologia: <https://abc-da-psicologia.webnode.com.pt/temas/metodos/metodo-introspectivo/>
- Moreira, M. A. (1999). *Teorias de Aprendizagem*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda.
- Mundo da eletrica. (s.d.). *Ligação em série ou ligação em paralelo?* Obtido em 10 de 9 de 2020, de Mundo da eletrica: <https://www.mundodaeletrica.com.br/ligacao-em-serie-ou-ligacao-em-paralelo/>

Oliveira, I. C. (s.d.). A ORGANIZAÇÃO DA SALA DE AULA E SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA. *Sinalge* .

Ontoria, A., Ballesteros, A., Cuevas, C., Geraldo, L., Gómez, J. P., Martín, I., et al. (1994). *Mapas Conceptuais - Uma técnica para aprender*. Lisboa: Editora ASA.

Ostermann, F., & Cavalcanti, C. J. (2011). *Teorias de Aprendizagem*. Porto Alegre: Editora Evangraf.

Pais, J. M. (1990). A construção sociológica da juventude. *Análise Social* , N°25, pp. 139-165.

Pais, J. M. (2008). Máscaras, jovens e “escolas do diabo”*. *Revista Brasileira de Educação* , pp. 7-21.

Parramón, J. M. (1993). *Como desenhar o Corpo Humano*. Lisboa: Editorial Presença.

Perrenoud, P. (1995). *Poderemos falar de um ofício de aluno?*

Ramos, E., & Porfírio, M. (2009). *Manual do Desenho*. Porto: Edições ASA.

Rialian. (s.d.). *A história das máscaras*. Obtido em 9 de 12 de 2019, de Exposição "As Máscaras":

<https://student.dei.uc.pt/~jsilva/movimento/chc/galeria/exposicoes/mascaras/historia.html>

Ribeiro, M. d. (2015). *Projeto de Intervenção*.

Richter, H. (1982). *Aprenda Eletricidade*. Vila da Feira: Editorial Presença.

Rocha, S. C. (2013). *A linguagem das máscaras ritualistas dos povos nativos da África: o valor do conhecimento artístico e cultural na história da humanidade*. Marialva: UEM.

Rodrigues, T. L. (2015). *Descoberta, Imaginação e Erro no ensino do Desenho*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa.

Roldão, M. d. (2009). *Estratégias de Ensino*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Rosas, P. d. (2010). O Dilema da Psicologia Contemporânea. *Psicologia: Ciência e Profissão* , N° 30, pp. 42-90.

Sá, C. M. (2019). *Flexibilidade curricular e perfil do aluno para o século XXI*. Universidade de Aveiro: UA Editora.

Santana, A. L. (s.d.). *História das Máscaras*. Obtido em 6 de 12 de 2019, de Infoescola: <https://www.infoescola.com/artes/historia-das-mascaras/>

- Serra, Â. C. (2012). *Princípios técnicos e perceptivos no desenho de figura humana*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Silva, I. (5 de 12 de 2013). *Erikson e o desenvolvimento psicossocial*. Obtido em 2 de 10 de 2020, de Slideshare: <https://pt.slideshare.net/psicologiaazambuja/erikson-e-o-desenvolvimento-psicossocial-28930875>
- Simões, J. A. (2006). *MATERIAIS E TECNOLOGIAS*. Ministério da Educação.
- Sousa, A. T. (2010). *O Perfil do Professor de Artes Visuais em Portugal (1860-actualidade): ilações para o futuro*.
- Sprinthall, N. A., & Sprinthall, R. C. (1993). *Psicologia Educacional*. Lisboa: Mcgraw hill editora.
- Sproccati, S. (2014). *Arte*. Lisboa: Editorial Presença.
- Suçarana, M. d. (s.d.). *Objetos e materiais recicláveis*. Obtido em 10 de 12 de 2019, de Infoescola: <https://www.infoescola.com/ecologia/objetos-e-materiais-reciclaveis/>
- Tavares, J., Pereira, A. S., Gomes, A. A., Monteiro, S., & Gomes, A. (2007). *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*. Porto: Porto Editora.
- Teixeira, M. T., & Reis, M. F. (2012). *A organização do espaço em sala de aula e suas implicações na aprendizagem cooperativa*. Rio de Janeiro: Meta: Avaliação.
- Tirgoala, F. d. (2015). *Cânones, movimento e expressão na representação da figura humana*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Tomé, A., & Carreira, T. (2005). *Ensino - Formação - Profissão Arte*. Lisboa: Editorial Minerva.
- Torres, C. (2016). *O AUTO CONHECIMENTO COMO MÉTODO ESPECÍFICO NA BUSCA DE NOSSO CENTRO*. Instituto Superior de Educação Ocidentemnte: Núcleo de Estudos sobre Autoconhecimento e Desenvolvimento Socioemocional.
- Trindade, A., Ramos, A., Ritto, I., Castanho, J., Costa, H., Marcelino, A., et al. (2012). *Desenhar, saber desenhar*. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes.
- Veiga, F. H. (2013). *Psicologia da educação*. Lisboa, Lisboa: Tipografia Lousanense.
- Wikipédia. (17 de 10 de 2020). *Papel*. Obtido em 3 de 11 de 2020, de Wikipédia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Papel>
- Xavier, D. P. (2011). *Análise Estética da Face*. Lisboa: Universidade de Lisboa.

ANEXOS



Universidade de Lisboa – Instituto de Educação – Faculdade de Belas Artes

Prof.s Orient.: O. Palaré/ F. Quintas

Prof. Orient. Coop.: Conceição Carinhas

Prof. Estagiária: Catarina Tavira

Proposta de trabalho – Oficina de Artes

12.º D 2019/2020

Objetivo

Construir uma máscara que reflita a tua visão de ti mesmo, a partir de materiais reciclados e que inclua eletrotécnica. Tamanho máximo 40cm x 40cm x 40cm.

Fases

1. Preenche um questionário que te vai ajudar a fazer uma introspectiva sobre as coisas que te identificam;
2. Esboça as tuas ideias em papel cavalinho com ajuda do questionário anterior, utiliza o formato que achares mais conveniente, tendo em consideração os materiais que pensas utilizar e como vais incorporar elementos de eletrotecnia;
3. No dia 14 de janeiro 2020, a aula vai ser dada em conjunto com o professor de eletrotécnica Carlos Vieira, para te ajudar na sua implementação;
4. No dia 17 de janeiro 2020, vai existir uma visita de estudo ao ferro velho de Santa Marta do Pinhal, para poderes recolher e utilizar algum material que por lá encontres;
5. Constrói a tua máscara; entrega dia 21 de fevereiro 2020
6. Faz uma memória descritiva* do trabalho realizado, de preferência envia por mail, para a professora Conceição Carinhas. Entrega até dia 21 de fevereiro.

*A memória descritiva é uma descrição dos aspetos de um projeto. Esses aspetos são a descrição da concretização do objeto em causa.

É composta por:

- Introdução (breve explicação do projeto)
- Desenvolvimento (modo como realizaste o teu trabalho, quais os materiais e porquê, técnicas que utilizaste e tudo o que achares relevante para a sua descrição)
- Conclusão (Explica o que mais gostas-te e o que correu menos bem)

ANEXO B | Apresentação História das máscaras

Máscaras


Uma Introspectiva



As máscaras

- O vocabulário máscara tem, nas línguas latinas, origem arábica, designando uma figura facial de cartão, destinada a obter um disfarce.
- Ao longo da história da humanidade, as máscaras foram utilizadas com os fins mais distintos, de acordo com a cultura e a religiosidade do povo que as adotavam.
- As máscaras foram introduzidas em Portugal através dos teatros gregos.
- O rosto de cada pessoa é diferente e ao olharmos uns para os outros o que vemos é um rosto, mas nele, imaginamos um modo de ser ou tipologias.
- As máscaras são transversais pelo mundo, fica aqui alguns exemplos:

Exemplos



Africa China Venezuela

Exemplos



Japão Egito Grécia

Exemplos



Brasil Nordeste dos EUA México

Exemplos



Baçal Ilhavo Lazarim

Exemplos



Transmontanos Varge Bemposta

ANEXO C | Apresentação Tecnologia dos materiais

Materiais

• Os diferentes materiais que conhecemos estão divididos por 4 tipos:



- **Metais:** ouro, cobre, estanho, bronze, ferro, aço, alumínio...
- **Polímeros:** madeira, fibras, peles, cola, borracha...
- **Cerâmicas:** pedra, vidro, cimento, barro...
- **Compostos:** são materiais que surgem com a junção de vários materiais tal como o papel.

Exemplos




Arista Norueguês: **Damselfrau**
Máscaras com material reciclado

Exemplos



Uso do cartão

Exemplos



Uso do papel

Exemplos



Uso do metal

Exemplos



Uso do gesso ou barro

Exemplos



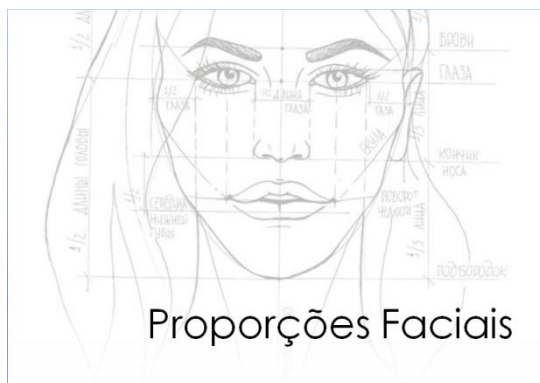
Uso da madeira

Exemplos

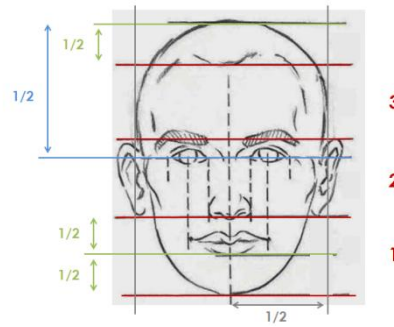


Uso de outros materiais e de eletrônica

ANEXO D | Apresentação Proporções Faciais



Proporções de padrão facial





Universidade de Lisboa – Instituto de Educação – Faculdade de Belas Artes

Prof.s Orient.: O. Palaré/ F. Quintas

Prof. Orient. Coop.: Conceição Carinhas

Prof. Estagiária: Catarina Tavira

QUESTIONÁRIO PARA INTROSPETIVA

12.ºD 2019/2020

Este questionário serve para te ajudar a fazer uma introspectiva sobre quem és e com o que identificas.

NOME: _____

Indica:

1. 3 características físicas tuas.

2. 3 características emocionais tuas.

3. Qual objeto que te identifica.

4. Qual animal ou planta que te identifica.

5. O que te faz feliz?

6. Qual é a tua cor?

7. O que mais gostas de fazer?

8. Qual o espaço em casa que te sentes mais confortável?



Universidade de Lisboa – Instituto de Educação – Faculdade de Belas Artes

Prof.s Orient.: O. Palaré/ F. Quintas

Prof. Orient. Coop.: Conceição Carinhas

Prof. Estagiária: Catarina Tavira

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO DA TURMA 12ºD

2019/2020

NOME: _____

Identificação pessoal:

Sexo: Feminino Masculino

Idade: 16 17 18 19 20 ou mais

1 -Com quem vives?

Pai Mãe Irmãos/ãs Quantos? _____ Avós

Outros Grau parentesco _____

2 -Como vais e vens para a escola?

Carro A pé Transportes Outros Quais? _____

3 -Habilitações literárias dos pais

Pai

Nunca frequentou a escola

Ensino Básico 1º ciclo

Ensino Básico 2º ciclo

Ensino Básico 3º ciclo

Ensino Secundário

Ensino Superior

Outro curso

ANEXO F | Questionário Sociodemográfico

Mãe

Nunca frequentou a escola

Ensino Básico 1º ciclo

Ensino Básico 2º ciclo

Ensino Básico 3º ciclo

Ensino Secundário

Ensino Superior

Outro curso

E.E

Nunca frequentou a escola

Ensino Básico 1º ciclo

Ensino Básico 2º ciclo

Ensino Básico 3º ciclo

Ensino Secundário

Ensino Superior

Outro curso

4 -Costumas ter algum tipo de ajuda, relacionado com a escola, em casa?

Sim Não

Se respondeste não, explica porquê:

Não sabe

Não tem tempo

Outros Quais? _____



ESCOLA SECUNDÁRIA MANUEL CARGALEIRO

Comunico ao Encarregado de Educação do aluno _____
_____, nº _____, Turma _____, Ano _____, que se irá
realizar uma visita de estudo a RS-Sucatas- Comércio de Sucatas no dia 17 de Janeiro, no âmbito
da disciplina de Oficina de Artes. Estando esta iniciativa incluída no desenrolar normal das
actividades lectivas, seria importante que autorizasse o seu educando a nela participar.

A partida e a chegada terão lugar junto à Escola pelas _____ e _____ hrs,
respectivamente.

O custo da visita é de _____ euros.

Fogueteiro, _____ de _____ de 20_____.

O/A professor/a responsável

(Professor/a de _____)

Tomei conhecimento da visita de estudo do meu educando _____,
nº _____, Turma _____, Ano _____, a realizar no próximo dia ____ de _____ no
âmbito da disciplina de _____.

Autorizo

Não autorizo Fogueteiro, _____ de _____ de 20_____.

O/A Encarregado/a de Educação

Rua Bento de Moura Portugal, Fogueteiro, 2845-154 Amora | Fax: 212269797 | tel. 212269790

e-mail: secretaria@esmcargaleiro.pt | direcao@esmcargaleiro.pt

ANEXO H | Grelha de observações de aula

Dia		de		2020		Hora:		Turma: 12° D		OFA		- Feira	
Grelha de Observação													
Alunos	Presente na aula	Comunica ideias	Desenvolvimento pessoal e autonomia	Demonstra Interesse	Resolve problemas	Mantém ritmo de trabalho	Demonstra sensibilidade estética e artística						
BP													
CC													
CF													
DR													
JO													
JA													
JC													
LC													
LS													
MB													
MC													
RP													
RM													
RG													
SR													
Observações													

ANEXO I | Grelha de avaliação

		Projeto:				Turma:				Disciplina:						
		Apropriação e reflexão de diferentes manifestações artísticas				Interpretação e comunicação de conceito, técnica e temática				Experimentação e criação						
		Informação e comunicação (B)	Raciocínio e resolução de problemas (C)	Pensamento crítico e pensamento criativo (D)	Sensibilidade estética e artística (H)	Cotação	Apropriação da técnica dos materiais	Raciocínio e resolução de problemas (C)	Pensamento crítico e pensamento criativo (D)	Cotação	Linguagens e textos (A)	Desenvolvimento pessoal e autonomia (F)	Sensibilidade estética e artística (H)	Saber científico, técnico e tecnológico (I)	Cotação	Nota
Ponderação		0,5	1,5	1,5	0,5	4,00	3	2	2	7,00	1	2	3	3	9,00	20,00
BP	0,25	0,75	0,75	0,25	2,00	2,5	2	2	6,50	1	1,7	2	3	7,70	16,20	
CC	0,15	0,75	1,2	0,3	2,40	2	1,5	1,5	5,00	1	1,2	2	2	6,20	13,60	
CF	0,15	1,2	1,5	0,5	3,35	3	2	2	7,00	1	1,2	3	3	8,20	18,55	
DR	0,25	1	1,2	0,3	2,75	3	2	2	7,00	1	1,5	3	3	8,50	18,25	
JO	0,2	0,75	1,2	0,35	2,50	3	2	1,5	6,50	1	1,5	1,5	2	6,00	15,00	
JA	0,4	1,2	1,5	0,5	3,60	3	2	1,5	6,50	1	1,7	1,7	3	7,40	17,50	
JC	0,4	1,2	1,5	0,5	3,60	2,5	1,5	2	6,00	1	1,2	2	2,5	6,70	16,30	
LC	0,3	1,2	1,5	0,5	3,50	2,5	1,7	2	6,20	1	1,7	2	3	7,70	17,40	
LS	0,1	0,75	1	0,2	2,05	2	1	1	4,00	1	1	1,5	1,5	5,00	11,05	
MB	0,4	1,2	1,5	0,5	3,60	3	1,7	2	6,70	1	1,7	2	3	7,70	18,00	
MC	0,4	1	1,5	0,5	3,40	2	1,2	1	4,20	1	1,5	1,5	2,5	6,50	14,10	
RP	0,4	1,2	1,5	0,5	3,60	3	2	1,5	6,50	1	1,5	1,5	3	7,00	17,10	
RM	0,1	0,75	1	0,2	2,05	3	1,7	1	5,70	1	1,2	1,7	3	6,90	14,65	
RG	0,15	0,75	1,2	0,3	2,40	3	1,7	1,2	5,90	1	1,7	1,7	3	7,40	15,70	
SR	0,4	1	1,5	0,5	3,40	2,5	1,5	1,5	5,50	1	1,5	3	2	7,50	16,40	